



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Centro de Pesquisa Leônidas e Maria Deane



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS-UFAM
INSTITUTO LÊONIDAS E MARIA DEANE-ILMD
PROGRAMA MULTI-INSTITUCIONAL DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM SAÚDE, SOCIEDADE E ENDEMIAS NA
AMAZÔNIA-PPGSSEA**

**PREVALÊNCIA DO *BULLYING* SOFRIDO POR ESCOLARES
DO MUNICÍPIO DE PORTO VELHO, RONDÔNIA, BRASIL**

MARCUCE ANTONIO MIRANDA DOS SANTOS

**MANAUS-AM
2012**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS-UFAM
INSTITUTO LÊONIDAS E MARIA DEANE-ILMD
PROGRAMA MULTI-INSTITUCIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SAÚDE, SOCIEDADE E ENDEMIAS NA AMAZÔNIA

MARCUCE ANTONIO MIRANDA DOS SANTOS

PREVALÊNCIA DO *BULLYING* SOFRIDO POR ESCOLARES DO
MUNICÍPIO DE PORTO VELHO, RONDÔNIA, BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa Multi-Institucional de Pós-Graduação em Saúde, Sociedade e Endemias na Amazônia (UFAM-UFPA-FIOCRUZ-AM/ILMD), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, na área de concentração Enfermagem em Saúde Pública.

Orientador: Dr. David Lopes Neto

Co-orientadora: Dra. Maria Inês Ferreira de Miranda

MANAUS-AM

2012

MARCUCE ANTONIO MIRANDA DOS SANTOS

PREVALÊNCIA DO *BULLYING* SOFRIDO POR ESCOLARES DO
MUNICÍPIO DE PORTO VELHO, RONDÔNIA, BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa Multi-Institucional de Pós-Graduação em Saúde, Sociedade e Endemias na Amazônia (UFAM-UFPA-FIOCRUZ-AM/ILMD), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, área de concentração Enfermagem em Saúde Pública.

DATA: ____/____/2012.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. DAVID LOPES NETO

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Prof.^a Dra. MARIA INÊS FERREIRA DE MIRANDA

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Prof.^a Dra. ARINETE VERAS FONTES ESTEVES

Universidade Federal do Amazonas - UFAM

MANAUS-AM
2012

DEDICATÓRIA

*À minha saudosa avó materna **AVELINA CACI MIRANDA**, in memoriam, pela sua contribuição à educação de crianças e adolescentes, durante toda a sua vida, lá no interior do Maranhão! “Apesar da pouca convivência que tivemos, é grande a minha admiração e também a saudade. Sei que teria aprendido muito com a senhora sobre o dom e arte de ensinar”.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a DEUS *“pela dádiva da vida e de sempre buscar o melhoramento pessoal por meio do conhecimento”.*

AOS MEUS PAIS: dona IRIS e seu PEREIRA: aos quais também dedico esta obra, *“pois mesmo que eu faça agradecimentos, por mais que os presenteiem, jamais conseguirei agradecer o suficiente pelo dom da vida, pela confiança, pelo apoio às minhas escolhas e pelo AMOR incondicional. Eu também os amo de uma maneira inexplicável”.*

Ao Meu irmão MÁRQUEL MURILO, *“por ser um exemplo de amor fraterno e por ser sem dúvidas o meu maior fã. E isso basta para que eu me esforce em ser sempre cada vez melhor”!*

Aos meus FAMILIARES *“os de perto e os de longe, que durante toda esta caminhada, sempre demonstraram admiração e respeito e mesmo que em silêncio, torceram por mim”.*

Ao meu Orientador Dr. DAVID LOPES NETO, *“pelo apoio e parceria nos momentos oportunos e necessários desta caminhada”.*

A professora Dra. ARINETE VERAS FONTES ESTEVES, *por ter aceitado contribuir na construção deste estudo.*

A minha Orientadora Dra. MARIA INÊS FERREIRA DE MIRANDA, *“por ser essa Mulher e Profissional que admiro e pela oportunidade do convívio e participação na construção deste. A nossa parceria me torna um profissional e um ser humano melhor”.*

A todos os meus AMIGOS do Curso de Mestrado, *pelo apoio direto e indireto durante o percurso desde mestrado, em especial ao Gabriel Cortes, pela parceria e principalmente pelos Happy Hours fundamentais para a construção desta obra.*

A todos os meus Amigos da Secretaria de Saúde de Porto Velho - SEMUSA, *em especial a Socorro Soares, Maria Zilma, Flávio Márcio, Fatinha, Igor Amorim, Adailson Gonçalves, Sueli Nunes, Felipe e Terezinha por oportunizarem, de diversas formas, a realização deste mestrado.*

RESUMO

O fenômeno *bullying* caracteriza-se por atos repetitivos de opressão, tirania, agressão e dominação de pessoas ou grupos sobre outras pessoas ou grupos, subjugados pela força dos primeiros. É praticado por indivíduos valentes e brigões (*bullies*) que apelidam pejorativamente os colegas, falam mal, aterrorizam e fazem sofrer seus pares, ignoram e rejeitam as regras da escola, ameaçam, agridem, furtam, ofendem, humilham, discriminam, intimidam ou quebram pertences dos colegas, entre outras ações destrutivas. Esta pesquisa objetivou identificar a prevalência do *bullying* entre os alunos do ensino médio das escolas da rede pública e privada de Porto Velho, Rondônia, Brasil. Trata-se de um estudo transversal, quantitativo de caráter descritivo-analítico, realizado em 19 escolas, com 877 alunos do ensino médio. Os resultados apontaram uma prevalência de 17,1% de prática de *bullying* entre os alunos. Destes, 9,2% relataram que sofreram intimidação, agressão ou assédio ao menos uma vez, sendo a sala de aula o principal ambiente de manifestação com 15,4%. Sobre a característica do agressor, em 10,6% a violência foi perpetrada por alunos da própria turma das vítimas, tendo estes a mesma idade dos alunos agredidos (13,7%) e com 4,1% sendo mais velhos. Houve associação entre a presença de *bullying* e as variáveis classificação econômica, número de reprovações e zona de localização da escola, com 4,0; 1,2 e 1,3 maior chance de sofrerem o *bullying*, respectivamente. Após a análise dos resultados concluiu-se que a prática do *bullying* é presente nas escolas de nível médio da cidade de Porto Velho, sendo sua incidência/prevalência compatíveis com outros estudos realizados no país e no mundo. Considera-se determinante intervir perante ao fenômeno, tão logo seja identificado e com a participação de pais, professores, profissionais de saúde, comunidade e demais setores da sociedade, trabalhar para a sua não ocorrência.

Descritores: agressão, violência escolar, *bullying*.

ABSTRACT

The bullying phenomenon is characterized by repetitive acts of oppression, tyranny, aggression and domination of people or groups of people or groups, subjugated by the force of the first. It is practiced by individuals brave and bullies (bullies) that pejoratively termed colleagues, speak evil, and do terrorize their peers suffer, ignore and reject school rules, threaten, attack, steal, insult, humiliate, discriminate, intimidate or break belongings colleagues, among other destructive actions. This research aimed to identify the prevalence of bullying among middle school students from public schools and private schools in Porto Velho, Rondônia, Brazil. This is a cross-sectional, quantitative, descriptive-analytical study carried out in 19 schools, with 877 high school students. The results showed a prevalence of 17,1% of bullying among students. Of these, 9,2% reported that they suffered intimidation, assault or harassment at least once, and the classroom environment the main rally of 15,4%. About the characteristic of the offender, at 10.6% the violence was perpetrated by students of their own class of victims, taking them the same age as the students assaulted (13,7%) and 4,1% being older. There was an association between the presence of bullying variables and economic status, number of failures and zone location of the school, with 4,0, 1,2 and 1,3 more likely to suffer bullying, respectively. After analyzing the results it was concluded that bullying is present in the high schools of the city of Porto Velho, and its incidence / prevalence consistent with other studies conducted in the country and the world. It is considered crucial intervene before the phenomenon, as soon as identified and with the participation of parents, teachers, health professionals, community and other sectors of society, working for no occurrence.

Keywords: aggression, school violence, *bullying*.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Mapa geográfico destacando a Amazônia legal, o estado de Rondônia e a capital Porto Velho.	55
FIGURA 2 - Número de matrícula na rede de ensino médio no estado de Rondônia em 2011.....	57
FIGURA 3 - Distribuição da amostra estudada, segundo prática de alguma atividade física, esportiva e/ou artística fora da escola pelo menos uma vez por semana. Porto Velho, RO, 2012.....	71
FIGURA 4 - Distribuição das respostas dos alunos, segundo relação com os intervalos entre as aulas. Porto Velho, RO, 2012.....	72
FIGURA 5 - Distribuição do local de ocorrência do <i>bullying</i> na amostra estudada. Porto Velho, RO, 2012.....	81

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Características da amostra estudada. Porto Velho, RO, 2012.....	64
TABELA 2 - Associação entre o <i>bullying</i> e reprovações na amostra estudada. Porto Velho, RO 2012.....	70
TABELA 3 - Distribuição do <i>bullying</i> na amostra estudada, segundo frequência do fenômeno. Porto Velho, RO, 2012.....	73
TABELA 4 - Distribuição da ocorrência de <i>bullying</i> , segundo o autor, turma e idade do agressor. Porto Velho, RO, 2012.....	75
TABELA 5 - Distribuição do <i>bullying</i> na amostra estudada, segundo forma. Porto Velho, RO, 2012.....	78
TABELA 6 - Distribuição da ocorrência do fenômeno <i>bullying</i> sofrida pela amostra estudada, segundo frequência. Porto Velho, RO, 2012.....	80
TABELA 7 - Distribuição do fenômeno <i>bullying</i> , segundo a atitude dos espectadores. Porto Velho, RO, 2012.....	82
TABELA 8 - Distribuição do fenômeno <i>bullying</i> , segundo postura do espectador. Porto Velho, RO, 2012.....	83
TABELA 9 - Distribuição dos alunos pesquisados, segundo prática do <i>bullying</i> na última semana. Porto Velho, RO, 2012.....	85

LISTA DE ABREVIACÕES

ABIPEME	Associação Brasileira dos Institutos de Pesquisa de Mercado
ABRAPIA	Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a Infância e à Adolescência
CEPE	Comitê de Ética em Pesquisa
CLAVES	Centro Latino-americano de Estudos de Violência e Saúde.
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EUA	Estados Unidos da América
FIOCRUZ	Fundação Instituto Oswaldo Cruz
HSBC	Helth Behaviour in School – Aged Children
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – Anísio Teixeira
PeNSE	Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar
OMS	Organização Mundial de Saúde
OBSVI	Observatório de Violências da Universidade Federal de Rondônia
UHE	Usina Hidrelétrica
UNIR	Universidade Federal de Rondônia
VIVA	Vigilância de Acidentes e Violências

1.INTRODUÇÃO.....	13
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
2.1 CONCEITUANDO VIOLÊNCIA.....	20
2.2 O AMBIENTE ESCOLAR E A VIOLÊNCIA.....	23
2.3 CONCEITUANDO O FENÔMENO <i>BULLYING</i>	27
2.4 AÇÕES QUE CARACTERIZAM O <i>BULLYING</i>	33
2.5 PRINCIPAIS CONSEQUÊNCIAS DO <i>BULLYING</i>	36
2.5.1 Consequências para as vítimas.....	37
2.5.2 Consequências para os agressores.....	40
2.5.3 Consequências para a escola.....	43
2.5.7 Consequências para os espectadores.....	46
2.5.8 Consequências para o setor saúde.....	48
3. PERCURSO METODOLÓGICO.....	54
3.1 DESENHO DO ESTUDO.....	54
3.2 DESCRIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	54
3.3 POPULAÇÃO DE ESTUDO.....	57
3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO.....	57
3.5 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO.....	57
3.6 DEFINIÇÃO DA AMOSTRA.....	58
3.7 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	59
3.8 TÉCNICA DE COLETA DE DADOS.....	60
3.9 PROCESSAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS.....	61
3.10 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....	61
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	63
4.1 CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS E ESCOLARES DOS ALUNOS PESQUISADOS E O <i>BULLYING</i>	63
4.2 CARACTERÍSTICAS DO <i>BULLYING</i> SOFRIDO PELOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE PORTO VELHO	73
4.3 FREQUÊNCIA E LOCAL DE INCIDÊNCIA DOS CASOS DE <i>BULLYING</i>	79
4.4 A CONDUTA DOS ESPECTADORES NAS ESCOLAS DE NÍVEL MÉDIO DE PORTO VELHO.....	82
5. CONCLUSÕES.....	89

REFERÊNCIAS	92
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-RESPONSÁVEL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	
ANEXO A – INSTRUMENTO DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA – ABEP.....	
ANEXO B - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS SOBRE <i>BULLYING</i> (PEREIRA, 2008).....	
ANEXO C – AUTORIZAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA.....	
ANEXO D - TERMO DE ANUÊNCIA DO GESTOR DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE RONDÔNIA.....	

INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

*Nós pedimos com insistência;
Não digam nunca: Isso é natural!
Diante dos acontecimentos de cada dia.
Numa época em que reina a confusão.
Em que corre o sangue,
Em que se ordena a desordem,
Em que o arbitrário tem força de lei,
Em que a humanidade se desumaniza,
Não digam nunca: Isso é natural!*
Bertolt Brecht¹.

Ao longo dos últimos anos, a violência vem assumindo importância para a sociedade brasileira em razão de sua magnitude, impacto social e capacidade de vulnerabilizar a saúde individual e coletiva.

A violência, em seus diversos sentidos (urbano, simbólico, moral, físico, psicológico, social, institucional), vem adquirindo cada vez relevância e dramaticidade na população, especialmente a partir da década de oitenta. Nesse contexto, a violência entre e contra crianças e adolescentes passa a ser o alvo de pesquisas no Brasil e no mundo, sendo considerado um grave problema de saúde pública nesta faixa etária (ABROMOVAY, 2005).

Diante deste contexto, o interesse em trabalhar com escolares surgiu ainda no início da minha formação profissional como enfermeiro, durante o curso de Residência Multiprofissional em Saúde da Família, pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), tendo vivenciado este grupo no espaço escolar, nos serviços de saúde, na família e na comunidade.

Desde então, iniciei uma busca pelo aperfeiçoamento profissional e pessoal na área da assistência à saúde da criança e do adolescente, principalmente no que concerne à promoção

¹ Autor alemão estudou medicina e trabalhou como enfermeiro num hospital em Munique durante a Primeira Guerra Mundial. Brecht foi um dos escritores fundamentais deste século: revolucionou a teoria e a prática da dramaturgia e da encenação, mudou completamente a função e o sentido social do teatro, usando-o como arma de consciencialização e politização. Dentre suas principais obras estão *Um Homem é um Homem*, em que cresce a idéia do homem como um ser transformável e *Mãe Coragem e Seus Filhos*, sobre a Guerra dos Trinta Anos, escrita no exílio, no começo da Segunda Guerra Mundial.

da saúde e proteção de agravos a este grupo, por ter percebido um aumento da violência nesta faixa-etária, em todas as suas formas, no município de Porto Velho.

Diversas publicações têm sustentado que a violência é um fenômeno multicausal, que possui forte correlação com desigualdades econômicas e socioculturais, mas também se relaciona com aspectos subjetivos e comportamentais vigentes em cada sociedade, necessitando de estudos aprofundados que apontem estas particularidades inerentes ao indivíduo e ao espaço onde ocorre (LOPES NETO, 2005; SILVA, 2010; MINAYO, 2011).

Em 2002, pela primeira vez, a Organização Mundial de Saúde (OMS) se pronunciou em relação à violência de forma mais contundente do que a que vinha adotando até então, onde apenas classificava os efeitos desse fenômeno ou realizava análises e fazia recomendações esporádicas. Assim, o relatório mundial sobre violência e saúde, definiu o problema como:

“Uso intencional da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação” (KRUG *et al.*, 2002, p.62).

Em outras palavras, a violência é o resultado da complexa interação de fatores individuais, de relacionamentos estabelecidos, comunitários e sociais, sendo necessário ter sempre em mente as interseções e conexões existentes entre os diferentes níveis.

Dentre os principais tipos de violência existentes, estão aquelas que influenciam diretamente na formação social e psicológica de crianças e adolescente.

Pode-se destacar a **Violência física** que se caracteriza pelo uso da força ou ainda por atos de omissão; a **Violência psicológica** que consiste em um comportamento específico de um indivíduo ou um grupo de agressores, gerando tratamento desumano como a rejeição, indiferença, desrespeito e discriminação; a **Violência política** que se manifesta por meio de terrorismo que agregam em suas consequências a violência física ou por imposições

ideológicas, que têm em suas metas a opressão social e a inadequação de determinados sujeitos ou idéias os sistemas politicamente incorretos; a **Violência verbal**, que não raramente é acompanhada da violência física e a **violência sexual**, que é um abuso de poder onde uma criança ou adolescente torna-se uma gratificação sexual de outra pessoa, forçados a práticas sexuais com ou sem violência física (CANDAU, LUCINDA E NASCIMENTO, 1999; LOPES NETO E SAAVEDRA, 2003; PEREIRA, 2008, grifo nosso).

Segundo Minayo (2008), socialmente, não se conhece nenhuma sociedade totalmente isenta de violência. Ela consiste no uso da força, do poder e de privilégios para dominar, submeter e provocar danos a outros: indivíduos, grupos e coletividades. Há sociedades mais violentas do que outras o que evidencia o peso da cultura na forma de solução de conflitos.

A violência a que crianças e jovens estão sujeitos na sociedade, e em particular na escola, não pode ser descontextualizada da violência percebida no meio familiar e social, pois desde muito cedo mantém suas relações interpessoais, na creche, na escola, nas brincadeiras, nos contactos informais com pessoas e fatos.

O ambiente escolar é historicamente conhecido por compreender um contexto fundamental para fomentar o inter-relacionamento e o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Para Marriel *et al.*, (2006), o problema da violência no âmbito escolar têm despertado o interesse crescente da mídia, de estudiosos e da sociedade em geral, a nível mundial, a partir dos problemas cotidianos que comumente encontra-se nas escolas. Isso quer dizer que a violência inserida no espaço escolar está, em muitas ocasiões, velada por situações de incivilidade comumente encontrada neste espaço, como depredações da estrutura física, evasão por motivos desconhecidos dos profissionais de educação, entre outros.

Para o mesmo autor:

“A escola é um lugar privilegiado para refletir sobre as questões que envolvem crianças e jovens, pais e filhos, educadores e educandos, bem como as relações que se dão na sociedade. É também nesse universo onde a socialização, a promoção da cidadania, a formação de atitudes, opiniões e o desenvolvimento pessoal podem ser incrementados ou prejudicados” (MARRIEL *et al*, 2006, p.36).

Neste sentido, Camacho (2000) coloca que a vulnerabilidade social é refletida na vivência escolar e reduz a força socializadora da escola, interferindo no ambiente relacional e permitindo que os alunos construam a violência como uma forma habitual de experiência escolar, contribuindo para manifestações de violência.

Na escola, essas relações podem assumir formas específicas, a exemplo do *bullying*. Este fenômeno é identificado em termos nacionais e internacionais como abuso sistemático do poder. É uma forma de comportamento agressivo, entre pares, usualmente maldosa, deliberada e persistente, podendo durar semanas, meses ou anos, sendo difícil às vítimas defenderem-se a si próprias (PEREIRA, 2001).

Reconhecida como um fenômeno, o *bullying* é perpetrado por indivíduos valentes e brigões que põem apelidos pejorativos nos colegas, aterrorizam e fazem sofrer seus pares, ignoram e rejeitam garotos da escola, ameaçam, agredem, furtam, ofendem, humilham, discriminam, intimidam ou quebram pertences dos colegas, entre outras ações destrutivas (SAAVEDRA, 2003).

O *bullying* tem efeitos negativos sobre as próprias crianças (vítimas e agressores) e sobre as crianças que observam estas práticas (espectadores ou observadores passivos). Estas se sentem muitas vezes incapazes de ajudar, o que provoca um sentimento de incapacidade e mal-estar, gerando sofrimento a estes indivíduos (BARROS *et al.*, 2009).

Diante deste cenário, diversos pesquisadores têm direcionado seus estudos para este fenômeno nos últimos anos, que toma aspectos preocupantes tanto pelo seu crescimento, quanto por atingir faixas etárias muito baixas, relativas aos primeiros anos de escolaridade

(OLWEUS, 1993; PEREIRA, 1997, 2008; MIRANDA, 2004; FANTE, 2005; LOPES NETO, 2005; CALHAU, 2009; SILVA, 2010; MOURA *et al.*, 2011).

Entre os tipos de estudos, as pesquisas de prevalência desta prática vêm se acentuando por se constituir numa oportunidade ímpar de se identificar alguns fatores que possam predispor a sua ocorrência, bem como clarificar as relações existentes numa dada realidade e propiciar a implementação de políticas locais de prevenção.

Assim, os resultados oriundos destes estudos proporcionam ainda um conhecimento sobre as características comportamentais dos estudantes que são agressores e alvos de *bullying*, podendo auxiliar nas ações voltadas à prevenção das consequências deste tipo de violência em todos os envolvidos.

Como exemplo, os estudos de Due *et al.*, (2005), Pereira (2008), Calhau (2009) e Silva (2010), trazem em seus resultados algumas intervenções bem sucedidas, que se baseiam em ações multidisciplinares que envolvem os vários níveis de prevenção, no âmbito escolar, na comunidade e em locais de agrupamento de crianças e adolescentes, como campos de futebol, escolinhas esportivas, entre outros.

Compreender as formas como a violência se apresenta no âmbito escolar é um grande desafio a ser enfrentado por diversos atores envolvidos direta e indiretamente com este fenômeno, em especial para comunidade acadêmica e para os serviços de saúde que atendem essa clientela, com vistas à prevenção do *bullying*.

A prevenção da violência entre e contra crianças e adolescentes é um desafio para a escola e os diversos setores da sociedade. Superar os elevados níveis de violência entre este grupo, no país, parte da compreensão de redes de atenção, por entender que esta se caracteriza por um espaço de formação de parcerias, cooperação e articulações dos sujeitos institucionais.

Com base nesse pressuposto, surge como condutor inicial deste estudo o questionamento acerca de qual a prevalência e as características do fenômeno *bullying* entre

os escolares do ensino médio da rede de escolas públicas e privadas do município de Porto Velho?

Além disto, a busca pelo conhecimento em relação ao *bullying* nas escolas de nível médio e a identificação de sua prevalência e suas peculiaridades, pode desencadear a abertura de novas discussões sobre o tema nas escolas e nos meios sociais no município pesquisado, abrindo um leque de possibilidades para discussão nacional.

Para a construção desta pesquisa, em seu percurso foram igualmente abordadas várias perspectivas sobre o *bullying* nas várias faixas etárias, bem como, as suas etapas de desenvolvimento, dando-se particular relevância a estudos de autores renomados.

Estruturalmente, este estudo está dividido em três partes. A primeira parte consiste em um referencial teórico, abordando a violência de uma forma geral, contextualizando-a no país e no mundo. Neste mesmo capítulo, trata-se ainda da dinâmica do ambiente escolar, delimitando este meio de convivência e as relações existentes neste espaço.

A segunda parte retrata o fenômeno *bullying*, caracterizando suas formas, ações, consequências nas vítimas e nos agressores. Em seguida apresentam-se algumas contribuições das pesquisas de cunho transversal na identificação deste tipo de violência e finalizando com algumas experiências na promoção da saúde com vistas à redução do *bullying*.

A terceira parte do estudo é composta pelo percurso metodológico adotado para este estudo, por meio do método quantitativo que possam demonstrar a prevalência deste fenômeno nas escolas de ensino médio, utilizando um instrumento adaptado para tal investigação.

E finalizando o estudo apresentam-se os resultados encontrados, perante ao qual procedeu-se à análise dos dados, essencialmente, no método de investigação quantitativo, discutindo com a literatura pertinente ao tema.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONCEITUANDO VIOLÊNCIA

No primeiro momento deste estudo, considera-se necessário definir alguns conceitos e características relacionadas à violência, ao ambiente escolar, ao fenômeno *bullying* e suas formas de manifestação, bem como suas consequências, apontando dados que reflitam a realidade deste fenômeno em diferentes contextos sociais.

Dada a pluralidade de interpretações resultantes do uso de termos tais como a violência, a agressividade e a agressão que se afiguram bastante próximos, semanticamente, importa proceder-se à clarificação terminológica destes.

A maior parte das dificuldades para conceituar a violência vem do fato dela ser um fenômeno da ordem do vivido e cujas manifestações provocam ou são provocados por uma forte carga emocional de quem a comete, de quem a sofre e de quem a presencia. Por isso, para entender sua dinâmica na realidade brasileira é importante compreender a visão que a sociedade projeta sobre o tema, recorrendo-se à filosofia popular e ao ponto de vista erudito. Os eventos violentos sempre passam pelo julgamento moral da sociedade (BRASIL, 2005).

Etimologicamente, a palavra violência vem do latim *vis*, que significa violência, mas também força, vigor, poder (FISCHER, 1994).

Fischer (1994) aponta ainda que a violência como “o recurso à força para atingir o outro na sua integridade física e/ou psicológica”. Nesta perspectiva, a violência é um modo específico de força, ou seja, exerce uma coação que se caracteriza frequentemente pelo emprego de meios físicos para afetar outrem.

No Brasil, a violência é responsável pela principal causa de mortalidade na faixa entre 05 a 49 anos, sendo que, de 15 a 29 anos, ela atinge o percentual alarmante de 64,4% das

mortes por causas externas, conferindo inegavelmente à violência, um caráter de problema de saúde pública (MINAYO, 2005).

No seu sentido material o termo violência parece neutro, mas quem analisa os eventos violentos descobre que eles se referem a conflitos de autoridade, a luta pelo poder e a vontade de domínio, de posse e de aniquilamento do outro ou de seus bens (MINAYO, 2005).

Sobre isso, Miranda (2004) afirma que as atitudes violentas devem ser analisadas como um processo que se revela no entorno dos sistemas, pois em vários discursos, predominam a razão prática, e segundo a autora, para este tipo de discurso, a violência não é um mecanismo social e uma expressão da sociedade, mas sim, uma resposta a um formato inadequado às necessidades básicas de uma determinada sociedade.

Já Fullat (1999) discute a violência como atividade exercida noutro indivíduo, visando a sua alteração consciente ou inconsciente por parte deste:

“És uma actividad que modifica la conducta de otro – sus informaciones, sus actividades y sus habilidades – sin que este se entere – sea por falta de conciencia o a causa del embrujo ejercido sobre él-, o bien en el supuesto de que se aperciba de ello, en contra de su voluntad” (FULLAT, 1999, p.12).

Sobre os envolvidos neste contexto, Fernandez (1998), refere que apesar do agressor se encontrar numa posição beneficiada, a violência não atinge somente a vítima, por se tratar de um comportamento de agressividade gratuita e cruel, que denigre e lesa tanto o agressor como a vítima.

De acordo com esta autora:

O fenômeno da violência não é natural, pois transcende a ação individual, lesando tanto quem a exerce como quem a padece. Perpassa ainda, a noção de um comportamento injustificado, mas justificável, que prejudica tanto o sujeito como o objeto da agressão, pois a violência define-se pela intensidade e seriedade do dano causado, caracterizado pela sua dimensão descomedida, seguido de justificações para o ato praticado (FERNANDEZ, 1998, p. 81).

Dahlberg e Krug (2006), distinguem além das formas de violência anteriormente citadas, três categorias de violência: a violência auto infligida, a violência interpessoal e finalmente, a violência coletiva².

Já para a OMS (2000) a violência se constitui na utilização intencional da força ou poder físico, por ameaça ou de fato, contra si mesmo, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulta ou tem alta probabilidade de resultar em ferimento, morte, danos psicológicos, mau desenvolvimento ou privação.

Portanto, neste estudo será utilizado como norte de discussão, a definição de violência trazida por Candau, Lucinda e Nascimento (1999) que definem violência como uma ação ou comportamento que vai causar dano a outra pessoa ou ser vivo. Nega ao outro a autonomia, a integridade física ou psicológica e até mesmo o direito à vida. Também pode ser entendida como o uso excessivo de força, além do necessário ou esperado.

Desta forma, pode-se compreender que as manifestações da violência são aprovadas ou desaprovadas, lícitas ou ilícitas segundo normas sociais mantidas por usos e costumes naturalizados ou por aparatos legais da sociedade. Mutante, a violência designa, pois – de acordo com épocas, locais e circunstâncias – realidades muito diferentes. Há violências toleradas e há violências condenadas (BRASIL, 2005).

As diversas formas de violência apresentadas são de tal forma importante, pois afligem crianças e adolescentes na realidade brasileira atual e mobiliza todos os setores da sociedade para um agir imediato, tento em vista as suas consequências que atingem todos os envolvidos.

2 Segundo Krug (2006), a Violência auto-infligida é subdividida em comportamento suicida e agressão auto-infligida. O primeiro inclui pensamentos suicidas, tentativas de suicídio – também chamadas em alguns países de "para-suicídios" ou "auto-injúrias deliberadas" – e suicídios propriamente ditos. A auto-agressão inclui atos como a automutilação; a Violência interpessoal divide-se em duas subcategorias: 1) violência de família e de parceiros íntimos – isto é, violência principalmente entre membros da família ou entre parceiros íntimos, que ocorre usualmente nos lares; 2) violência na comunidade – violência entre indivíduos sem relação pessoal, que podem ou não se conhecerem. Geralmente ocorre fora dos lares e a Violência coletiva acha-se subdividida em violência social, política e econômica. Diferentemente das outras duas grandes categorias, as subcategorias da violência coletiva sugerem possíveis motivos para a violência cometida por grandes grupos ou por países. A violência coletiva cometida com o fim de realizar um plano específico de ação social inclui, por exemplo, crimes carregados de ódio, praticados por grupos organizados, atos terroristas e violência de hordas. A violência política inclui a guerra e conflitos violentos a ela relacionados, violência do estado e atos semelhantes praticados por grandes grupos.

Dentro de uma lógica de promoção da saúde deste grupo, torna-se necessário caracterizar os espaços de relacionamento entre crianças e adolescentes, entre estes, o ambiente escolar, que em muitas situações pode se transformar em um ambiente hostil, vulnerável e temeroso, produtor de atos violentos.

2.2 O AMBIENTE ESCOLAR E A VIOLÊNCIA

Para um completo entendimento sobre o surgimento da violência no ambiente escolar, torna-se necessário compreender o momento em que esta se insere na conjuntura político-social do país.

Sobre isso, Miranda (2004) aponta que dentre os diversos processos de exclusão social no Brasil, dois – apesar de aparentemente não se relacionarem – ganharam destaque na educação do século XX e XXI, pois excluem os cidadãos de uma sociedade:

A primeira - a crise da educação – visto que a maioria da juventude é excluída da participação política, assim como, de processos que envolvem a produção econômica, social e cultural, por vários motivos, mas, sobretudo, por não ter acesso com equidade à educação básica de qualidade. A segunda, uma consequência direta da primeira, ou seja, o fracasso escolar que traz várias consequências desastrosas ao indivíduo, entre elas, reflete no aviltamento salarial dos que poucos estudam (MIRANDA, 2004, p. 121).

Para a autora, a violência em contexto escolar é um fenômeno social da atualidade que têm alarmado todos os agentes da comunidade educativa.

A escola reconhecida como um espaço primordial de socialização e preparação de crianças e adolescentes para a vida, também pode ser um lócus de violência.

Segundo Bourdieu; Passeron (1978), este espaço pode ignorar as habilidades e competências das crianças e jovens das classes populares, impondo-lhes um conjunto de atitudes, comportamentos e racionalidades das classes dominantes, fazendo-os crer que são incapazes de aprender, constituindo aí o polissêmico campo da violência simbólica.

De acordo com Miranda (2004), a violência escolar apresenta várias dificuldades de definição devido às suas mais diversas manifestações, e, portanto, analisando-se este fenômeno, as dificuldades são exemplificadas por meio da multiplicidade de compreensões a seu respeito.

Sabe-se que a instituição escolar, na atualidade, se inscreve no tempo-espço das rápidas transformações contemporâneas, e chama para o seu interior as tensões dos projetos institucionais externos. Nesse contexto, seu papel é o de formação, agregando estratégias diversas, entre elas, econômicas, culturais, políticos, comunitários (NOGUEIRA, 2003).

Para um maior esclarecimento sobre a temática neste espaço, Lorrain *apud* Dupâquier (2000), define violência neste *loco*, como o exercício de uma força brutal realizada por qualquer um; agir sem qualquer impedimento usando a força ou a intimidação:

A violência nada mais é que uma representação social dependente das determinações sócio-históricas. As definições são imprecisas e levam a um questionamento: Seria violência nas escolas ou violência das escolas? (LORRAIN *apud* DUPÂQUIER, 2000, p.5).

Para esses autores, “o espaço escolar é visto como o resultado de uma intervenção coletiva que traz características de um dispositivo simbólico – a escrita – que tem a finalidade da transformação social do mundo natural. Já a violência é colocada como uma atividade que põe fim a finalidade objetiva do dispositivo escolar.” Dessa forma, a violência seria o responsável pela destruição do dispositivo simbólico que representa a escola.

Chesnais *apud* Abramovay (2002) ressalta que as várias concepções de violência são hierarquizadas segundo o custo social. A primeira é a concepção referente à violência sexual; a segunda concepção abrange a econômica – prejuízos causados ao patrimônio; a terceira tem por foco a idéia de autoridade, e possui forte conteúdo subjetivo – violência moral ou simbólica.

Para Silva (2010), a comunidade escolar tende a reproduzir, em maior ou menor escala, a sociedade como um todo. A hierarquia escolar compreende os diretores, supervisores, orientadores, professores, inspetores e funcionários que cuidam do espaço físico e de toda a engrenagem funcional e administrativa da instituição. Dentro dessa esfera, todos devem exercer seus papéis de forma eficiente e solidária, para que os alunos possam aprender e praticar todo o conhecimento de que precisarão na caminhada rumo à vida adulta.

Para este autor, neste mesmo sistema, encontra-se outro micro mundo, uma subdivisão denominada universo dos estudantes. Infelizmente, em grande parte das escolas, sejam elas públicas ou privadas, deparamo-nos com uma hierarquia que quase reproduz os sistemas de castas das sociedades mais desiguais. No mundo dos estudantes, três classes costumam se distinguir de forma bem marcada: os populares, os neutros e os excluídos.

Portanto, a violência é um fenômeno múltiplo e diverso, que assume determinados contornos em consequência de práticas inerentes aos estabelecimentos escolares e ao sistema de ensino, bem como às relações sociais existentes (HAUCK, 2009).

A violência no espaço escolar também pode se basear nas noções de papéis de gênero, socialização e relações de poder, a qual não pode ser ainda descontextualizada da violência percebida no meio social, além dos muros dos estabelecimentos de ensino, podendo assumir formas específicas, a exemplo do *bullying* como intimidação entre escolares, uma realidade cada vez mais presente nas cidades brasileiras (MINAYO, 2005).

Um estudo realizado por Gonçalves e Sposito (2002), apresentou dados relevantes acerca da violência no ambiente escolar, retratando o perfil da violência entre professores, alunos e funcionários das escolas e suas consequências na década de 90.

Os autores evidenciam que os episódios de violência foram registrados com significativa intensidade, tanto a partir das informações oferecidas pelos alunos como pelos

educadores. Para os alunos os problemas maiores eram as discussões, agressões físicas, uso de drogas e ameaças.

No entanto, de acordo com a pesquisa, os alunos de estratos sociais superiores (A e B) registraram com maior intensidade os problemas apontados do que aqueles provenientes dos setores mais empobrecidos (C, D, e E). Já para os educadores os problemas maiores foram às agressões verbais, depredações, ameaças e intimidações. Os profissionais da rede pública apontaram com maior frequência os episódios de violência do que seus colegas do ensino particular (GONÇALVES E SPOSITO, 2002).

Neste período eram mais frequentes as agressões verbais e as ameaças. Esse fenômeno alcança as cidades médias e as regiões menos industrializadas do país. Por outro lado, nem sempre os índices apresentados pelas pesquisas sobre a questão da violência em meio escolar coincidem com os índices mais gerais da violência que atinge os jovens (WAISELFISZ, 2000).

Com o passar dos anos, às manifestações da violência no ambiente escolar sofreram alterações significativas, condicionadas as mudanças de comportamentos e relações dentro da escola. Desta forma, algumas afetam diretamente os professores, outras os funcionários e na sua maioria os alunos, em suas diversas faixas etárias (DOMINGOS, 2005).

Uma outra terminologia igualmente importante neste contexto, que em alguns momentos pode confundir-se com os atos violentos entre e contra crianças e adolescentes nas escolas é a indisciplina.

Para Castro (2010), pode ser “indisciplinado” a princípio, alguém que possui um comportamento desviante em relação a uma norma explícita ou implícita, sancionada em termos escolares e sociais.

Tradicionalmente o método utilizado para se tratar da indisciplina na escola é o da repressão, mas estes métodos só funcionam com sujeitos que temem a autoridade, ou que são

identificados e conseqüentemente são inspecionados e cobrados por suas atitudes. No caso da violência velada, silenciosa e permanente, entre pares ou grupos, este método pode não ser eficiente ou não diagnosticar os verdadeiros sujeitos dos fatos de violência que ocorrem no ambiente escolar (AQUINO, 1996).

Percebe-se que atualmente o manejo dos atos violentos entre alunos nas escolas, está pautado em situações de opressão e privação de ambientes e práticas recreativas, como impedimento de frequentar o recreio e as atividades esportivas como forma de punição ao aluno pelo ato.

Esta prática vem se tornando rotineira dentro das escolas, tendo em vista que estas atividades são consideradas pela maioria dos alunos os momentos mais “divertidos” da escola e sua privação são considerados por parte dos funcionários da escola como a melhor maneira de punir os alunos (DÍAZ-AGUARDO, 2012).

Uma das condições mais preocupantes do fenômeno da violência na escola trata-se da conduta e atenção prestada pelos professores e outros adultos, pois tendem a assumi-las como situações cotidianas e habituais entre os menores ignorando assim as conseqüências que podem ter na saúde mental dos envolvidos (DÍAZ-AGUARDO, 2012).

Desta forma, o ambiente escolar é entendido como um espaço de constantes e importantes transformações, onde a violência se insere e se revela de diversas formas e por diversos motivos, construída com passar dos anos, necessitando de um olhar diferenciado por parte de todos os envolvidos.

2.3 CONCEITUANDO O FENÔMENO *BULLYING*

Para a formulação de políticas de proteção em saúde pública, torna-se necessário conhecer a problemática. Como ela se apresenta? A quem se refere? Quais seus efeitos a curto e em longo prazo nas vítimas e nos agressores?

Para ilustrar este fenômeno, optou-se neste estudo por citar alguns fatos noticiados na mídia nacional e internacional que exemplificam práticas de *bullying*, nos diferentes níveis de ensino e modalidade da escola.

Estes casos demonstram que o fenômeno *bullying*, mesmo sendo tão antigo quanto a própria instituição escola, passou a ser difundido nos diversos meios de comunicação, tornando-se objeto de estudos científicos, diante da preocupação da sociedade em geral com a violência entre estudantes e suas consequências.

Os fatos abaixo foram divulgados pela mídia, mas os mais preocupantes são os casos não identificados, os que, silenciosamente, causam sequelas e ocorrem dentro dos muros das escolas.

“Os meninos atacam Basini quase toda noite, arrancando-o da cama e o empurrando escada acima para o sótão. Nenhum professor vai ouvir seus gritos de lá. Eles o forçam a se despir, então fustigam suas costas. Nu e indefeso, o garoto se encolhe enquanto seus torturadores o fazem gritar: Eu sou uma besta! Durante o dia, outros estudantes o cercam no pátio e o empurram até ele cair, sangrando e sujo” (TOGNETTA & VINHA, 2007, p. 1).

Em 23 de setembro de 2011, site Diário do Grande ABC noticiou que na escola municipal Prof^a. Alcina Dantas Feijão, instituição reconhecida pelo excelente desempenho educacional por índices e exames estaduais e nacionais, localizada no bairro Mauá, em São Caetano, no ABC paulista, um aluno do 4º ano do Ensino Fundamental, de apenas 10 anos, feriu a bala uma professora e em seguida atirou contra a própria cabeça vindo a falecer horas depois. Na mochila do menor foi encontrado um desenho contendo na primeira parte da folha apenas a fachada da escola e a porta de entrada. Do outro lado há uma professora próxima à lousa, carteiras vazias e uma criança sentada em uma delas usando uniforme. Acima, a observação: "Eu com 16 anos". O desenho foi encaminhado para psicólogos e profissionais especializados para análise. A arma do crime pertencia ao pai do menor, um guarda municipal (VIEIRA *et al.*, 2011).

No dia 7 de abril de 2011 em Mendoza/Argentina houve uma interrupção da cerimônia de abertura da V Conferência Mundial de Violência nas Escolas e IV Congresso Ibero-americano de Violência nas Escolas, para relatar em tempo real, a chacina no bairro de Realengo, Rio de Janeiro. Mais tarde foi divulgado pela mídia o que ocorrera, onde um ex-aluno de 23 anos entrou na escola municipal Tasso da Silveira e com mais de uma arma atirou em várias crianças e adolescentes na faixa etária de 12 a 14 anos. Das mais de 28 vítimas, 11 foram fatais. Destas onze, dez eram meninas e um era menino. O autor após os disparos fatais, se matou, já com presença da polícia no local. Após dias de investigação, identificou-se que o agressor foi vítima de *bullying* na mesma escola. O Brasil passou a figurar na relação de países de ocorrência de massacres em instituições de ensino (G1, 2011).

Os casos acima, tornados públicos pelos meios de comunicação, apresentam situações de violência praticadas por e contra crianças ou adolescentes em contextos escolares.

Longe de serem simples brincadeiras, e, infelizmente, longe também de ser ficção, é sabido que os alunos que freqüentavam as escolas, ou uma boa parte deles, estão em contato com atos violentos, em todas as esferas de seus relacionamentos, sejam elas vítimas ou expectadoras dessas cenas ou mesmo as precursoras de sofrimentos a outrem.

Os casos relatados acima se referem a condutas agressivas de estudantes, com tipos distintos de agressão. São casos de um fenômeno tipicamente humano, conhecido como *bullying*, que se manifesta por meio do exercício de ações negativas de um sobre o outro.

Essas ações negativas expressas de formas físicas, psicológicas, sociais e verbais frequentemente combinam várias ou todas essas formas que se repetem, o que as tornam ainda mais nocivas.

Conceituados pesquisadores, do Brasil e do mundo, têm direcionado seus estudos para este fenômeno que toma aspectos preocupantes, tanto pelo seu crescimento, quanto por atingir

faixas etárias muito baixas, relativas aos primeiros anos de escolaridade (OLWEUS, 1993b; PEREIRA, 2008; MIRANDA, 2004).

Alguns autores utilizam as relações sociais para conceituar as práticas do *bullying* (MINAYO, 2005; CHALITA, 2008) que afirmam que o *bullying* é a negação da amizade, do cuidado e do respeito.

Outros diversos casos são noticiados na mídia nacional e internacional que exemplificam práticas de *bullying*.

Em 1999, no Instituto Columbine (Colorado, EUA), E.H e D.K, vítimas de *bullying*, entraram na escola e passaram a disparar contra professores e colegas. Após matar doze colegas e um professor, eles se suicidaram. Em 2005, um aluno de 16 anos matou cinco colegas, um professor e um segurança numa escola de Minnessota, EUA (CALHAU, 2009).

Em 2006, na Alemanha, um ex-aluno abriu fogo numa escola e deixou onze feridos e cometeu suicídio em seguida. Em 2007, um estudante, vítima de *bullying* na escola Virginia Tech (EUA) assassinou 32 pessoas e feriu outras 15 (PEREIRA, 2009).

No Brasil, em 2003, em Taiúva (SP), um ex-aluno voltou à escola e atirou em seis alunos e numa professora, que sobreviveram ao ataque. O agressor era ex-obeso e vítima de *bullying* por anos na escola, e após o atentado, cometeu suicídio. Em 2004, em Remanso, na Bahia, um adolescente matou 2 e feriu 3 após sofrer humilhações (era também vítima de *bullying*) (CALHAU, 2009).

O site paulista O Estadão.com de 02 de dezembro de 2011, noticiou que o funcionário público de 27 anos, matou a tiros a professora R.R.S, de 57 anos, e sua mãe I.P.S., de 86, e em seguida se entregou à polícia, em Sorocaba, São Paulo. Ele alegou que fora vizinho das vítimas durante mais de cinco anos e que sofria *bullying* por parte de sua professora. Segundo o aluno: "Ela falava um monte de coisa ruim sobre mim, dizendo que eu era vagabundo, me desprezando, me diminuindo". O acusado, que trabalha como auxiliar administrativo na

autarquia municipal de água e esgoto da cidade foi soldado temporário da Polícia Militar em 2009, mas havia sido desligado (TOMAZELA, 2011).

Outro fato marcante que retrata uma realidade extrema decorrente de *bullying* foi noticiado pelo UOL Internacional, onde na Inglaterra, uma jovem inglesa S.H, de 21 anos, para deixar de ser alvo de *bullying* tomou uma atitude drástica: decidiu se submeter a uma cirurgia para tornar suas pernas mais compridas. A cirurgia aumentou em 9 cm sua altura, que chegou a 1.43 m. O procedimento exigiu que ossos da perna fossem quebrados e mantidos separados com o uso de pinos. S.H ainda sente muitas dores e o período de recuperação até que ela possa voltar a andar chegará a dois anos. Mesmo assim, ela garante que isso é melhor do que a tortura diária do *bullying*. “Lembro-me dos garotos me dando socos, chutando e me chamando de vários nomes. O que mais me machucava era quando me chamavam de “*Mini Me*”. Eu chegava a fingir que estava doente para não ter de enfrentar isso”, disse, em entrevista ao jornal *The Sun*. A adolescente sofre de distúrbio de crescimento diagnosticado aos sete anos de idade (UOL, 2011).

Fatos como estes lustram o que alguns pesquisadores (Eslea *et al.*, 2004; Fante, 2005; Calhau, 2009) classificam de “clima escolar”. Para estes, entende-se por “clima escolar” o roubo, as agressões físicas, a morte, a depredação, o vandalismo, a insubordinação, a incivilidade, o *bullying*, entre outros na mesma linha de classificação, reduzindo-a a dimensão física ou não física. Embora se enfatize essas experiências como sendo de violência, as temáticas da violência e da vitimização merecem ser repensadas.

Ao contrário do que se possam imaginar, os estudos acerca dos comportamentos, caracterizados pela aglomeração de alunos que incentivam a prática de coerção sob outro, deram os primeiros passos nas décadas de 70 e 80 nos países nórdicos. Dan Olweus, na Universidade de Bergen – Noruega (1978 a 1993) e com a Campanha Nacional Anti-*bullying*

nas escolas norueguesas (1993). Olweus pesquisou inicialmente cerca de 84.000 estudantes, 300 a 400 professores e 1.000 pais entre os vários períodos de ensino (FANTE, 2005).

Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Berger, na Noruega, iniciou nessa época um estudo que reuniu aproximadamente 84 mil estudantes, quase quatrocentos professores e cerca de mil pais de alunos. Todas as séries foram observadas, o que corresponderia, atualmente no Brasil, a representante desde o primeiro ano do ensino fundamental até o último ano do ensino médio. O objetivo principal de Olweus era avaliar taxas de ocorrência e as formas pelo qual o *bullying* se apresentava na vida escolar das crianças e dos adolescentes de seu país (PEREIRA, 2009).

Como reflexo dos trabalhos desenvolvidos nos países nórdicos, podemos citar pesquisas desenvolvidas aqui no Brasil pela professora Marta Canfield e seus colaboradores (1997) em quatro escolas de ensino público, em Santa Maria (RS), e as dos professores Israel Figueira e Carlos Neto (2000-2001) em duas escolas municipais do Rio de Janeiro (FANTE, 2005).

Segundo Pereira (2009), os atos de *bullying* identificados na escola apresentam determinadas características comuns: são comportamentos produzidos de forma repetitiva num período prolongado de tempo contra uma determinada vítima; apresenta uma relação de desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; ocorrem sem motivações evidentes; são comportamentos deliberados e danosos, refletindo consequências a curto, médio ou longo prazo.

Um fator fundamental para as pesquisas sobre o *bullying* consiste em avaliar a sua natureza e ocorrência. Como os estudos de observação direta ou indireta são demorados, o procedimento mais adotado é o uso de questionários, que serve para fazer a verificação das características e extensão do *bullying*, bem como avaliar o impacto das intervenções que por ventura já venham sendo adotadas (FANTE, 2005).

Nos Estados Unidos, o *bullying* é motivo de tensão e interesse uma vez que lá o fenômeno cresce de forma exponencial, a ponto de os estudiosos no assunto o classificarem como um conflito global. Certas pesquisas revelam incidências tão altas, que muitos prevêem um futuro sombrio para um percentual significativo de jovens, especialmente os que desempenham o papel de agressores (PEREIRA, 2009).

Mediante o exposto, o conceito de *bullying* utilizado neste estudo será o formulado por Pereira (2001, p.5741) que define o fenômeno como: “comportamentos agressivos de intimidação ao outro e que resultam em práticas violentas exercidas por um indivíduo ou por pequenos grupos, com caráter regular e frequente”.

2.4 AÇÕES QUE CARACTERIZAM O *BULLYING*

Dentro de um conceito mais amplo, podemos afirmar que todos nós já fomos ou seremos vítimas de *bullying* em algum momento de nossas vidas. Isso ocorre em função da própria natureza humana: somos seres essencialmente sociais, e onde há relações interpessoais sempre haverá disputa por liderança e poder (PACHECO & SILVA, 2011).

O *bullying* praticado nas escolas há tempos deixou de estar no anonimato e passou a ser foco de atenção adquirindo múltiplas formas, algumas mais cruéis que outras, dependendo de vários e diferentes fatores que possam estar relacionados (FERRAZ, 2008).

Conforme descrito anteriormente, para ser considerado *bullying* é necessário que o comportamento agressivo apresente natureza repetitiva e ocorra em um contexto de desequilíbrio de poder.

Segundo Olweus (1993a), as ações são qualificadas como repetitivas quando os ataques são desferidos contra a mesma vítima, pelo menos duas ou mais vezes ao longo de um mesmo ano letivo.

Estudos sobre a agressividade escolar abarcam, sobretudo, o mau trato pessoal, a intimidação de caráter psicológico, bem como o isolamento social entre pares, crianças ou

jovens, manifestamente no papel de vítimas. “Os pares estão sujeitos a uma ou várias formas de agressão: corporal (...) extorquir dinheiro ou ameaça” (PEREIRA, 2001).

Com o intuito de diferenciá-las dos outros tipos de violência e facilitar sua identificação e prevenção, diversas pesquisas têm sido realizadas em países como Portugal, Espanha, Noruega, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá e Japão, e têm mostrado que as ações que os alunos usam para a prática do *bullying* nas escolas são semelhantes (BEAUDOIN & TAYLOR, 2006; PEREIRA, 2008; MARTINS, 2005; RODRÍGUES & FERNÁNDEZ, 2007; BOULTON & UNDERWOOD, 1992).

Como contribuição, Assis *et al.*, (2010) elaboraram um material de apoio para os profissionais em educação, apresentando os resultados de pesquisas que apontam as formas como este tipo de violência se apresenta pelo país e pelo mundo.

Bater, empurrar, dar murros ou pontapés; Roubar objetos; Amedrontar; Xingar de “nomes feios”/dizer palavrões; Falar mal do colega ou de aspectos do seu corpo ou de sua cor de pele; Não falar com (ignorar) o colega; Insultar; Rejeitar; Ridicularizar caçoar, zombar; Impedir de participar de jogos ou atividades; Extorquir dinheiro, com ameaças; Obrigar, com ameaças, a participar de situações de caráter sexual.	Intimidar; Quebrar ou estragar objetos; Esconder objetos; Ameaçar com armas; Colocar apelidos; Dizer coisas falsas; Ameaçar pegar ou contar algo; Gritar, berrar; Levantar falsos rumores; Aproximar-se de alguém por vingança; Mandar cartas anônimas; Criticar roupas; Chatear; Fazer críticas raciais; Excluir.
---	--

Quadro 1 – Formas de *bullying* escolar relatada em estudos estrangeiros.

Fonte: Beaududin & Taylor (2006), Pereira (2008), Martins (2005), Rodríguez & Fernández (2007) e Bouton & Underwood (1992).

Em um estudo de corte transversal realizado pela Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) no ano de 2009, alunos das 26 capitais do país e mais o distrito federal,

foram estudados para a identificação do *bullying* nas escolas de nível fundamental (BRASIL, 2009).

Dos 68.735 estudantes, 5,4% sofreram sempre *bullying* (IC 95%: 5,1%-5,7%). Menores frequências foram observados entre meninas nas cidades de Palmas (2,4%; IC95%: 1,3%-3,4%), Cuiabá-MT (2,7%; IC95%: 1,6%-3,7%), Natal e Porto Velho-RO (ambas com 3,1%; IC95%: 2,0%-4,1%) (BRASIL, 2009).

Estas informações evidenciam que assim como a violência em geral, o *bullying* também carece de estudos para uma melhor identificação e compreensão deste fenômeno.

Sobre isso, Sposito (2002), em revisão da pesquisa brasileira sobre o tema da violência escolar, identificou dificuldades na aferição da magnitude do fenômeno, em razão de poucas iniciativas na coleta de informações, faltando consistência no monitoramento e registro das ocorrências. Diversos estudos têm identificado um crescimento na violência escolar nas últimas décadas, destacando-se ocorrências como depredação de patrimônio furtos, roubos, agressões físicas e verbais entre estudantes, assim como agressões destes últimos contra professores.

Portanto, a necessidade de se conhecer e estudar esse fenômeno dentro da escola se reforça na medida em que as informações existentes, não conseguem diagnosticar a magnitude deste fenômeno em algumas regiões do país, em especial, na região norte.

Além disto, a contínua exposição ao *bullying*, nos seus mais variados tipos, pode acarretar às vítimas problemas comportamentais e emocionais, destacando-se o estresse, a diminuição ou perda da autoestima, a ansiedade e depressão, o baixo rendimento escolar e até mesmo, em casos mais severos, o suicídio. Essas são algumas das conseqüências deste fenômeno que apresentamos a seguir.

2.5 PRINCIPAIS CONSEQUÊNCIAS DO *BULLYING*

Neste capítulo abordam-se algumas das principais consequências que podem ser desencadeadas com a manifestação do *bullying*, sejam nas vítimas, nos agressores, nos espectadores e no clima do ambiente onde ela ocorre.

Calhau (2009) afirma que vítimas, autores, espectadores e o próprio ambiente, enfrentam consequências físicas, emocionais e de relacionamento de curto e longo prazo, as quais podem causar dificuldades acadêmicas, sociais, emocionais e legais.

Os alvos de *bullying* geralmente são intimidados com ameaças psicológicas, servindo de “chacota” para os outros e tendo seus pertences destruídos ou sacados por seus agressores.

Fante (2005), em seu livro "Fenômeno Bullying" deixa claro que as consequências desse fenômeno afetam todos os envolvidos e em todos os níveis, porém especialmente a vítima, que pode continuar a sofrer seus efeitos negativos muito além do período escolar. Pode trazer prejuízos em suas relações de trabalho, em sua futura constituição familiar e criação de filhos, além de acarretar prejuízo para a sua saúde física e mental.

Seja qual for o caso aqui citado e tantos outros em que os alvos de *bullying* são frágeis, há um componente central: a intenção de causar um dano psicológico. Portanto, mais uma característica comum: há um autor mal-intencionado.

Para Eslea *et al.*, (2004), a prática do *bullying* possui efeitos negativos sobre os próprios adolescentes (vítimas ou agressores), voltados a grande solidão que pode afetar o seu desenvolvimento. Isso porque, além dos agressores escolherem um aluno para se seu alvo que se encontra em franca desigualdade de poder, geralmente este também já apresenta uma baixa autoestima.

A prática do *bullying* agrava o problema persistente, assim como pode abrir quadros graves de transtornos comportamentais que, muitas vezes, trazem prejuízos irreversíveis (SILVA, 2010).

A longo e a curto prazo, os problemas de saúde e psicológicos repercutem-se na sociedade que deve prevenir a incidência de *bullying*, procurando fomentar uma vida harmoniosa para todos os membros da sociedade.

Esta noção é reiterada por Amado & Freire (2002) que enumeram uma série de indícios que permitem a identificação de jovens em risco, nomeadamente, o insucesso escolar, absentismo, vivência negligenciada e pobreza, entre outros.

De modo a melhor compreender estas implicações, urge elucidar as distintas dimensões afetadas pelos efeitos do *bullying* nos diversos personagens inseridos neste contexto.

2.5.1 Consequências para as vítimas

Quando se aborda a questão das consequências, somos imediatamente levados a inferir acerca da vítima. Isto porque, é sabido que o *bullying* afeta em sua maioria a vítima, na suas dimensões sociais, psicológicas e académicas.

É notório que a agressividade está alcançando grandes proporções dentro e fora da escola uma vez que fortes questões sociais como: desemprego, moradia, fome, saúde e educação abalam a estrutura familiar refletindo no contexto escolar, pois a criança reproduz o que ela vivencia.

Segundo Martín (1993), as raízes sociais dos alunos, o nível cultural das famílias, a situação profissional dos pais, a área onde habitam parecem ser fatores de influência no que se refere ao comportamento dos alunos.

Beane (2006) classifica as vítimas como passivas e provocadoras. Para o autor, as vítimas passivas são solitárias, ansiosas e sensíveis, não tem poder de autodefesa e não reagem rapidamente às situações, pois geralmente não tem muitos amigos que possam ajudá-

las. Dentre os efeitos nestes, o mais evidente é a fraca autoestima que terá o escolar vitimizado.

Pereira (2001) destaca que isso ocorre porque elas vivenciam pouca aceitação, sendo assim menos escolhidas como melhores amigos e apresentam fracas competências sociais tais como cooperação, partilha e ser capaz de ajudar os outros.

Outra vertente levantada por Pinheiro (2006) revela que muitas crianças estão sofrendo o *bullying*, por meio de ataques ao seu gênero sexual, com brincadeiras maliciosas que as rotulam com características masculinas ou afeminadas, tais como: gay, lésbica, sapatão e frutinha, apelidos que têm a finalidade de agredir e destruir a moral do aluno frente ao grupo escolar.

Estes tipos de ataques geram consequências psicológicas graves, colocando jovens em constante conflito com a sua sexualidade e gerando sentimentos de exclusão, baixa autoestima e depressão.

Estas vítimas podem transformar-se em adultos inseguros e uma tendência maior para entrar em estados depressivos. Algumas vítimas acabam no suicídio, enquanto outras se tornam, elas próprias, em pessoas violentas.

Neste estudo, classifica-se como vítima aquele alvo do *bullying* e refere-se à pessoa que é repetidamente exposta a ações agressivas de outras crianças as quais têm a intenção de machucá-la e isso geralmente envolve diferença de força, tanto real, como percebida (BERGER, 2007).

Em Seu estudo, Olweus (1989) *apud* Marques *et al.*, (2000), apontou que entre as principais consequências para as vítimas de *bullying* podem ser citadas:

- a) Temem a escola, pois a vêem como um local desagradável e inseguro;
- b) Transformam-se em adultos inseguros;

- c) Adquirem uma auto-estima mais pobre e uma tendência maior para entrar em estados depressivos;
- d) Apresentam frequentes problemas de relacionamentos sociais, íntimos e familiares;
- e) Algumas vítimas acabam no suicídio, enquanto outras se tornam, elas próprias, em pessoas violentas.

De maneira geral, a violência manifesta uma afirmação de poder sobre o outro e a conquista desse poder é o que gera as diversas formas de violência. Suas ocorrências podem ser consequências das práticas cotidianas de discriminação, preconceito, da crise de autoridade do mundo adulto ou da fraca capacidade demonstrada pelos profissionais de criar mecanismos justos e democráticos de gestão da vida escolar (MARRIEL *et al*, 2006).

No que se referem às manifestações orgânicas, as vítimas de *bullying* possuem até três vezes mais chances de sofrer com dores de cabeça e com dores abdominais, até cinco vezes mais chances de ter insônia e até duas vezes e meia mais chances de experimentar enurese noturna, quando comparadas às crianças que não são vítimas (ROLIM, 2008).

Levinne (1999) aponta que outra consequência para as vítimas de *bullying* é o sentimento de impotência crônica que ocorre quando as respostas de congelamento, de orientação e de defesa se tornam tão fixas e enfraquecidas que movem primariamente por caminhos predeterminados e não funcionais.

Os sintomas de impotência crônica levam as pessoas traumatizadas terem dificuldades em se comportar e se relacionar, principalmente em situações novas, mesmo que essas possam se controlar. E são estes comportamentos que causam mais interesse e incentivo ao algoz.

2.5.2 Consequências para os agressores

Sabe-se que quando está em turma o escolar de diversas faixas etárias apresenta comportamentos que dizem mais respeito ao grupo do que à formação pessoal. Toma atitudes e faz coisas que jamais fariam sozinhas ou na presença dos pais. Praticam atos de vandalismo, abusam de drogas, expõe-se a perigos como "rachas", praticam esportes radicais e confrontam colegas.

Fante (2005), afirma que uma característica que identifica os agressores típicos é a sua atitude guerreira com os companheiros. Em geral, têm maior tendência para a violência e para o uso de meios violentos que os outros alunos. São caracterizados pela sua impulsividade e uma necessidade imperiosa de dominar os outros.

Na relação vítima-agressor, alguns alunos podem se tornar tanto vítimas como agressores e são denominadas de vítima/agressor. Estes, provavelmente, apresentam uma combinação de baixa autoestima, atitudes agressivas e provocativas e prováveis alterações psicológicas, merecendo atenção especial. Podem ser depressivas, ansiosas, inseguras e inoportunas, procurando humilhar os colegas para encobrir suas limitações (LOPES NETO, 2005).

No Reino Unido, Lane (1989) afirma que ser agressor na escola é um forte preditor de delinquência. Sobre isso Olweus (1989), afirma que em estudo realizado com alunos do ensino secundário até os 24 anos, refere que a probabilidade de condenação em penas julgadas é cerca de quatro vezes maior para os alunos que foram agressores na escola do que para os não agressores, o que indica a existência de fatores de risco precipitantes de futuras carreiras delinquentes para as crianças que com frequência agridem/intimidam.

Fante (2005) acrescenta que aqueles que praticam *bullying* contra seus colegas poderão levar para a vida adulta o mesmo comportamento antissocial, adotando atitudes agressivas no seio familiar (violência doméstica) ou no ambiente de trabalho. Estudos

realizados em diversos países já sinalizam para a possibilidade de que autores de *bullying* na época da escola venham a se envolver, mais tarde, em atos de delinquência ou criminosos. Para a autora, os alunos acabam por aderir tal comportamento sem imaginar as consequências que poderão surgir futuramente, tais como: uma série de doenças emocionais ou físicas devido ao estresse a que estão expostos diariamente, depressão, síndrome do pânico, gastrite, colite, asma, bronquites e distúrbios alimentares.

De acordo com a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA), com o passar do tempo, as vítimas de *bullying* tanto podem recuperar destes traumas sofridos durante o período escolar, como podem desenvolvê-los mais e mais, até entrarem num ponto irreversível, como é o caso do desespero levado ao extremo culminar em suicídio. Entretanto, uma das principais consequências pode ser em a vítima se tornar o agressor, com base no entendimento de que esta é a única saída para lidar com a situação.

Os agressores, longe de não se verem afetados pelas consequências dos seus atos, desenvolvem, ao longo dos anos, várias tendências, que podemos caracterizar como comportamentos de risco. De entre os comportamentos de risco identificados, destaca-se os seguintes (ABRAPIA, 2010):

- a) Consumo de álcool e de estupefacientes; fraco envolvimento escolar e familiar;
- b) Absentismo e/ou abandono escolar;
- c) Dificuldade em respeitar a lei e os problemas que daí advém, compreendendo as dificuldades na inserção social; Problemas de relacionamento afetivo e social e incapacidade ou dificuldade de autocontrole e comportamentos antissociais;
- d) Através das relações muito específicas que mantêm e aprendem, como a falta de respeito pelas regras e normas de convivência social, acabam por entrar numa vida de pré-delinquência;

- e) Envolvem-se mais tarde em problemas de conduta, com a droga, alcoolismo, crimes, terminando muitas vezes na cadeia;
- f) Comportamentos que coloquem a sua integridade física em risco e a dos outros, como são o caso da condução com excesso de velocidade ou manobras consideradas perigosas e atividades desportivas de risco e;
- g) Para os agressores, as principais consequências apontadas foram:
- h) Dificuldade em respeitar a lei e os problemas que daí advém, compreendendo as dificuldades na inserção social;
- i) Problemas de relacionamento afetivo e social e incapacidade ou dificuldade de autocontrole e comportamentos antissociais;
- j) Envolvem-se mais tarde em problemas de conduta, com a droga, alcoolismo, crimes, terminando muitas vezes na cadeia.
- k) Suicídio.

Para além destas consequências e de acordo com a idade dos agressores, estes tendem, igualmente, a desenvolver comportamentos antissociais e a praticar violência doméstica, ou mesmo *bullying* no trabalho.

Liang, Flisher e Lombard (2007), são do posicionamento que o grupo de agressores geralmente apresenta os maiores números de problemas de conduta, problemas na escola, problemas com o grupo de iguais, sintomas psicossomáticos e psicológicos, maiores encaminhamentos aos serviços psiquiátricos e uma maior probabilidade de persistência no seu envolvimento em *bullying*.

Além disto, os agressores estão mais suscetíveis ao uso excessivo de cigarros, álcool e outras substâncias. Apresentam risco aumentado para vários tipos de comportamento de risco, violência e comportamento antissocial, quando comparadas a crianças que não estão envolvidas em *bullying* (LIANG, *et al.*, 2007).

Como consequência extrema, o estudo realizado por OLWEUS *apud* FANTE, (2005), aponta que há uma grande relação entre *bullying* e criminalidade. Neste estudo, o professor acompanhou o desenvolvimento de um grupo de alunos com idades entre 12 e 16 anos identificados como agressores no fenômeno *bullying*. Foi constatado que havia sido imputada uma condenação legal a 60% desses alunos antes que completassem 24 anos.

Para diversos autores (OLWEUS, 1993a, OLWEUS, 1993b, MARQUES *et al.*, 2001), os agressores, através das relações muito específicas que mantêm e aprendem como a falta de respeito pelas regras e normas de convivência social, acaba por entrar numa vida de pré-delinquência, envolvendo-se mais tarde em problemas de conduta, com a droga, alcoolismo, crimes, terminando muitas vezes na cadeia.

Logo, as consequências do *bullying* reforçam em seus agressores a efetivação de um caráter voltado aos comportamentos agressivos, causadores de perturbações diárias e prejudiciais ao rendimento escolar do agressor, podendo também estar associados a consequências que decorrerão ao longo de sua vida, como é o caso da delinquência, da depressão e o da criminalidade em idade adulta.

2.5.3 Consequências para as escolas

Ainda neste contexto de consequências, o ambiente escolar é um espaço que perde muito com a violência.

Quando não há intervenções efetivas contra o *bullying*, o ambiente escolar torna-se totalmente contaminado. Todas as crianças, sem exceção, são afetadas negativamente, passando a experimentar sentimentos de ansiedade e medo. Alguns alunos, que testemunham as situações de *bullying*, quando percebem que o comportamento agressivo não trás nenhuma consequência a quem o pratica, poderão achar por bem adotá-lo.

As medidas adotadas pela escola para o controle do fenômeno, se bem aplicadas e envolvendo toda a comunidade escolar, contribuirão positivamente para a formação de uma cultura de não violência na sociedade.

As situações constantes de agressões de *bullying* dispersam as pessoas e dividem a sala, pois, as “brincadeiras” são percebidas como formas muito diversas pelos envolvidos.

Consoante Liang *et al.*, (2007), a escola é para o aluno um espaço de reprodução de vivências do meio externo. Neste sentido, diversos são os fatores que podem influenciar a relação deste com a escola.

Dentre eles, a mídia, é um instrumento que pode contribuir para que crianças e adolescentes reproduzam atos violentos; isso acontece quando se vê na televisão cenas de criminalidade, (inclusive em novelas), de forma empolgante, com distorções significativas da realidade ou nos jogos de vídeo games, violências e lutas. Percebe-se, portanto, que os meios de comunicações têm colaborado para que a violência seja vista de forma natural.

De acordo com Mangini (2008), sérias privações, em sua maioria, podem diminuir a capacidade de administrar os próprios impulsos, os quais podem manifestar-se livremente, prejudicando as relações sociais ou serem reprimidos por um superego severo. Assim, é possível, no âmbito da escola, encontrar estudantes que banalizam a vida e a ordem, praticando atos de violência e vandalismo.

Para Araújo (2000) a escola sofre interferências do *bullying* que podem modificar toda a sua organização interna ou rotina diária, manifestada pelas invasões de galeras de forma direta e ameaçadora para solucionar problemas ocorridos fora do ambiente escolar, e também do narcotráfico que se manifesta de forma bem sutil, através dos alunos, com o objetivo de aumentar o seu domínio social e físico tanto dentro ou fora das escolas.

Para o mesmo autor, no Brasil, os debates sobre *bullying* nas escolas tiveram início nos anos 1980 e apesar de estarem preocupados com as violências que ocorrem dentro destes

espaços, os estudos são realizados somente em algumas regiões do Brasil, o que acarreta em dificuldades de identificação dos reais fatores que levam a estas condutas e suas consequências neste espaço.

O ambiente escolar torna-se inadequado à vítima e ao agressor, uma vez que os colegas, que deveriam estar enquadrados em um nível de amadurecimento e de comportamento similares, passam a ser considerados como agressores ou impotentes; o agressor, propriamente dito, amedronta-lhe, de modo a fazê-la perder qualquer motivação relacionada ao estudo (ou a si mesma), além de tender a ter o seu próprio processo educacional abalado; as testemunhas passam a ser vistas como rivais e desinteressadas na resolução do problema, além de também poderem estar comprometidas educacionalmente; a família e a escola, por sua vez, quando desconhecem o fato, igualmente não se tornam contribuinte ao fim do sofrimento e, quando cientes da situação, seja por ignorância ou displicência, frequentemente ignoram-na, considerando tratar-se de comportamentos comuns à idade e sem importância (MINAYO, 2005).

O espaço escolar torna-se temido pelas vítimas, pois a vêem como um local desagradável e inseguro. No entanto, o caráter persistente e intencional dos comportamentos agressivos, causadores de perturbações diárias e prejudiciais ao rendimento escolar da vítima, podem também estar associados às consequências que decorrerão ao longo de sua vida, como é o caso da depressão em idade adulta (PEREIRA, 2006).

Uma pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas informou que em 14 capitais brasileiras, além da violência física (contra pessoas e patrimônio) existe a violência simbólica (violação dos direitos e abuso de autoridade) e a incivilidade (humilhação, agressões verbais e falta de respeito) e o *bullying* (ações deliberadas com o intuito de maltratar outra pessoa).

A incivildade pode ser considerada uma consequência do *bullying* já que alunos que cometem este tipo de violência tendem a manifestar desinteresse pela escola e pela sua estrutura, levando as depredações deste ambiente.

Um estudo sobre o meio ou ambiente escolar mostra a relação entre o *bullying* e o “clima escolar”, de modo a descartar a possibilidade de inserção da escola no que diz respeito à participação na produção e na manutenção da violência (FORTINOS, 2006).

De acordo com Freire, Simão e Ferreira (2006), nas últimas décadas, a investigação tem-se centrado cada vez mais em fatores ligados à escola no sentido de se compreender como é que o ambiente escolar pode interferir na maior ou menor prevalência da violência dos estudantes entre si.

Em muitos países, especialmente da Europa e da América do Norte, o programa proposto por Olweus tem sido aplicado, total ou parcialmente, ou com algumas modificações, nas escolas. Este programa propõe ações em três níveis: no nível escolar, no nível da classe e no nível individual, e seus resultados tem sido relatados como satisfatórios (PEREIRA, 2008).

Estas considerações aqui citadas torna-se relevante para que as instituições de ensino promovam estratégias de reconhecimento do fenômeno no contexto escolar em que se pretende intervir, focalizando os problemas reais e promovidas estratégias mais adequadas para o seu enfrentamento.

2.5.7 Consequências para os espectadores

É comum pensar que há apenas dois envolvidos no *bullying*: o autor e o alvo. Mas os especialistas alertam para um terceiro personagem fundamental: o espectador.

Nem sempre reconhecido como personagem atuante em uma agressão, ele é uma figura fundamental para a continuidade do conflito (ARAÚJO, 2002).

O espectador típico é uma testemunha dos fatos, pois não sai em defesa da vítima nem se junta aos autores. Quando recebe uma mensagem, não repassa. Essa atitude passiva pode ocorrer por medo de também ser alvo de ataques ou por falta de iniciativa para tomar partido.

Calhau (2009) acrescenta que este aluno pode ser classificado ainda como co-agressores, pois apesar de não se inserirem no papel do agressor principal, se amontoam na platéia estimulando as brigas, riem dos maus-tratos e ajudam a propagar os boatos sem se importar com os sentimentos da vítima. São também responsáveis por ajudar a disseminar difamações e conteúdos humilhantes na internet.

Quando não há intervenção por parte daquele que assiste o ato, esse comportamento cheio de intimidação e crueldade tende a se fortalecer e solidificar e ser compreendido como algo normal e pode comprometer a aprendizagem de valores éticos e morais em vários seguimentos destes indivíduos.

Fante (2005) assinala que “pessoas ou grupos de pessoas que desde a infância e adolescência se envolvem com a prática do *bullying*, passam na idade adulta a cometer violência doméstica, assédio moral, uso de drogas e criminalidade”.

Para a mesma autora, os que atuam como platéia ativa ou como torcida, reforçando a agressão, rindo ou dizendo palavras de incentivo também são considerados espectadores. Eles retransmitem imagens ou fofocas. Geralmente, estão acostumados com a prática, encarando-a como natural dentro do ambiente escolar. "O espectador se fecha aos relacionamentos, se exclui porque ele acha que pode sofrer também no futuro. Se for pela internet, por exemplo, ele ‘apenas’ repassa a informação. Mas isso o torna um co-autor.

Estes espectadores, ou testemunhas, por razões diversas, assistem à violência, porém nada fazem, mesmo que sejam desfavoráveis ao fato. Podem se sentir inseguros e incomodados com a situação e, portanto, também tendem a ter o processo de aprendizagem comprometido.

As também conhecidas como testemunhas do *bullying* que como já citado, embora estejam diretamente envolvidos, também sofrem danos, especialmente pela convivência em um clima escolar em que as relações interpessoais se deterioram e em que a tensão é constante.

Deve-se considerar que as testemunhas ou espectadores podem estar constantemente apreensivas e temerosas de que possam ser as próximas vítimas. Há ainda a pressão que, muitas vezes, os autores de *bullying* exercem sobre elas no sentido de obrigá-las a participar ou a lhes dar apoio e silenciar o que presenciam (ASSIS, *et al.*, 2010).

Desta forma, pode-se observar que os grupos de espectadores ficam impedidos do seu direito de ter um ambiente escolar seguro e saudável, acarretando na maior consequência para estes, já que o *bullying* deteriora as relações causando prejuízos ao desenvolvimento de todos os alunos.

2.5.8 Consequências para o setor saúde

Para Minayo (2005), em sua origem e manifestações, a violência é um fenômeno sociohistórico e acompanha toda a existência da humanidade. Transforma-se em problema para a saúde pública porque afeta a saúde individual e coletiva e exige, para sua prevenção e tratamento, formulação de políticas específicas e organização de práticas e de serviços peculiares ao setor.

Sobre a relação e o impacto desta violência no setor saúde, a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) refere que:

A violência, pelo número de vítimas e pela magnitude de sequelas orgânicas e emocionais que produz, adquiriu um caráter endêmico e se converteu num problema de saúde pública em muitos países (...). O setor Saúde constitui a encruzilhada para onde convergem todos os corolários da violência, pela pressão que exercem suas vítimas sobre os serviços de urgência, atenção especializada, reabilitação física, psicológica e assistência social (OPAS, 1994, p. 5).

A violência entre e contra crianças no Brasil assume várias faces e nuances. Dentre as muitas tentativas de definição de um conceito para esse fenômeno (Fundo das nações Unidas para a Infância, 1998; Brasil, 2001; Krug *et al.*, 2002) pode-se dizer que ela se apresenta de forma individual ou coletiva, interpessoal ou mediada por estruturas sociais. Fala-se de violências num plural ampliado que inclui desde as que são decorrências históricas das políticas e modelos econômicos, capazes de produzir exclusão e segregação social, trazendo consequências para uma cidadania precária, até as formas culturalmente arraigadas e banalizadas.

Segundo Assis (1999), dentre os principais fatores de risco associados à situação de violência estão: consumo de drogas, círculo de amigos, tipos de lazer violento, baixa auto-estima, falta de reconhecimento de limites entre certo e errado, fraco vínculo afetivo com a família e com a escola, e sofrer ou ter sofrido violência por parte dos pais.

Mas acrescenta que há uma rede social de antecedentes que propiciam uma cultura de violência, como a existência ou não de pessoas com comportamento delinquente na família, violência entre os pais e irmãos e violência na comunidade.

Para o setor saúde, a violência entre estudantes é motivo de grande preocupação quando acontece de forma repetida e envolve desequilíbrio de poder já que, embora gere grande angústia para as vítimas, essa situação costuma ser pouco valorizada pelos adultos, que muitas vezes só se mobilizam quando as consequências são trágicas e chegam aos ambientes de atendimentos de saúde (ALMEIDA, 2010).

Para a mesma autora, nos ambientes de serviços de saúde, considera-se que para lidar com os envolvidos no *bullying*, a primeira providência é sempre valorizar a queixa e o sofrimento, demonstrando desejo de ajudar. O atendimento sempre que possível deve envolver a criança ou o adolescente, a família e a comunidade escolar.

Em sua maioria, os atendimentos de casos de *bullying* são realizados em unidades de pronto-atendimentos, onde dão entrada alunos vítimas das consequências extremas do fenômeno. Estas situações são marcadas pela cena do aluno sendo acompanhado por um funcionário da escola, com lesão física ou alteração emocional decorrente da violência (SANTOS, 2010).

Para o mesmo autor, com frequência as escolas encaminham crianças e adolescentes com suspeitas de serem vítimas de violência para os serviços de saúde. A parceria com esses serviços traz uma grande vantagem porque os profissionais que atendem possuem conhecimentos que podem esclarecer problemas detectados na escola.

Porém, em muitos lugares do país estes ambientes não se encontram preparados para o lidar com os envolvidos no *bullying* denotando assim, um desperdício de tempo e de recursos muitas vezes já escassos nos serviços de saúde do país.

De acordo com uma pesquisa realizada sobre o perfil das unidades de atendimento a adolescentes envolvidos em violência, a maioria dos atendimentos é centrada em internação e no ano de 2002 mostra que, em 71% das unidades, o ambiente físico não era adequado às necessidades da proposta pedagógica, existindo, em média, 25 adolescentes por quarto; em alguns casos, 60 adolescentes coabitam o mesmo espaço.

Este mesmo estudo evidenciou-se que a maioria das unidades escolares busca atendimento nos serviços de saúde públicos locais (94%), ação que fica comprometida pela dificuldade no traslado dos escolares quando já estão em unidade de internação. Mais da metade delas não realiza apoio ao egresso (53%), questão fundamental para reduzir a probabilidade de reincidência, conforme verificado em avaliações de programas de prevenção (SILVA, 2003).

Ao tratarmos das consequências do *bullying* para todos os envolvidos direta e indiretamente, é possível afirmar que para o setor saúde, em especial das unidades de pronto-

atendimentos, torna-se oneroso os atendimentos as vítimas deste fenômeno, pela necessidade de disponibilizar tecnologias que poderiam ser direcionadas aos atendimentos de urgências e emergências não previsíveis, que é o foco destes ambientes de saúde.

O custo econômico social de uma internação de jovens entre 15 e 24 anos, por todos os tipos de violência, tem sido destacado, embora dados específicos para as hospitalizações decorrentes de acidentes e violências não sejam muito estudados.

Em um estudo realizado por Travassos e Lebrão (1998), foi possível analisar que internações hospitalares em setores de clínicas médica e cirúrgica, obstetrícia e pediatria de adolescentes entre 15 e 19 anos de idade tiveram um custo total de 201 milhões de dólares em 1995, originando oito milhões de dias afastados do cotidiano familiar, escolar, social e profissional.

Mesmo que esse dado não se restrinja às violência no ambiente escolar, os mesmos servem para ilustrar o custo que a sociedade paga, em grande parte, por falta de prevenção e por inconsciência quanto aos agravos preveníveis. Certamente, ao se acrescentar os atendimentos emergenciais e ambulatoriais, esse valor aumenta em proporções assustadoras.

Segundo Souza (2003), o custo total da internação de adolescentes na rede hospitalar pública brasileira em decorrência de violências no ano 2003 foi de 48 milhões de reais.

Mesquita Neto *et al.* (2004), apresentando 109 programas de prevenção aos crimes e violência em desenvolvimento no Brasil, relatam que 13 estão centrados na escola e outros 18 desenvolvem intervenções relacionadas com o espaço escolar, dentre eles as unidades de saúde da família, existentes no entorno das escolas, de forma integrada, especialmente com a comunidade.

Quando se trata da atenção básica, as ações de prevenção e promoção da saúde do escolar é uma das prioridades deste modelo de atenção, tendo como norteador destas práticas desenvolvidas pelas equipes multiprofissionais, o Programa Saúde na Escola (PSE).

O referido programa tem no escopo de suas ações a prevenção o estímulo de uma cultura da paz no ambiente escolar, garantindo diretrizes de apoio às equipes para o desenvolvimento de práticas educativas e preventivas do *bullying* neste espaço, além de congrega a unidade de saúde e escola como pontos determinantes no apoio as vítimas, agressores, famílias, comunidade e educadores (BRASIL, 2011).

Neste sentido, os investimentos no setor saúde voltados ao atendimento as vítimas da violência, em especial do *bullying*, são dispendiosos e acarretam em gastos volumosos que poderiam ser investido em promoção e prevenção da violência escolar.

Desta forma, pode-se identificar que as consequências do fenômeno *bullying* para todos os setores e indivíduos envolvidos são reais e danosos.

Para o setor saúde, a prevalência deste fenômeno nas escolas deve ser utilizada como indicador determinante para a sua prevenção na saúde pública. A sua prevalência e gravidade compelem aos profissionais de saúde a investigar os riscos e fatores de proteção, associados com a iniciação, manutenção e interrupção desse tipo de comportamento agressivo, possibilitando assim técnicas multidisciplinares de intervenção que possam reduzir esse problema de forma eficaz (LOPES NETO, 2005).

Assim, este estudo se reforça na necessidade de se conhecer este fenômeno e suas consequências para que as ações sejam direcionadas e pautadas na realidade de cada ambiente escolar.

PERCURSO METODOLÓGICO

3. PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 DESENHO DO ESTUDO

Trata-se de uma abordagem quantitativa, descritiva, realizado por meio de um estudo transversal, que possibilitou conhecer as manifestações do *bullying* apresentadas nas escolas públicas e privadas do ensino médio da cidade de Porto Velho, capital de Rondônia.

3.2 DESCRIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A pesquisa foi realizada no município de Porto Velho, onde foram investigadas as práticas de *bullying* nas escolas públicas e privadas do ensino médio da cidade.

O local da pesquisa é a capital do estado de Rondônia, que possui uma área urbana situada a margem direita do Rio Madeira, o maior afluente do rio Amazonas, com uma altitude de 98m, em relação ao nível do mar, na latitude Sul de 8°45'00 e na longitude norte de 63°58'00 a Oeste do Meridiano de *Greenwich*. A cidade foi fundada em dia 4 de julho de 1907, durante a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e a sua emancipação ocorreu em 02 de outubro de 1914, através da Lei nº 757 sancionada pelo governador do Amazonas Jonathas de Freitas Pedrosa (PORTO VELHO, 2010).

O clima do município é equatorial quente e úmido, com temperatura máxima de 40°C e mínima de 16°C, com uma média máxima de 31,8°C e média mínima de 27,7°C. Seu período de chuvas (inverno amazônico) compreende os meses de dezembro a março e o período da seca (verão amazônico), com poucas chuvas e muito calor. O município de Porto Velho está limitado ao norte pelo estado do Amazonas; ao sul pelos municípios de Nova Mamoré e Buritis; a leste pelos municípios de Candeias do Jamari e Alto Paraíso; a oeste,

pelo município de Nova Mamoré, pela República da Bolívia e o Estado do Acre (PORTO VELHO, 2010).

A capital de Rondônia possui atualmente 428.527 habitantes, de acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010).

Economicamente, predomina no município o funcionalismo público seguido do comércio formal. Mesmo assim, encontram-se na cidade atividades da indústria extrativa do minério, (como a cassiterita e o ouro), na pesca, na agricultura e no comércio. A produção agrícola: arroz, mandioca, milho e abacaxi.

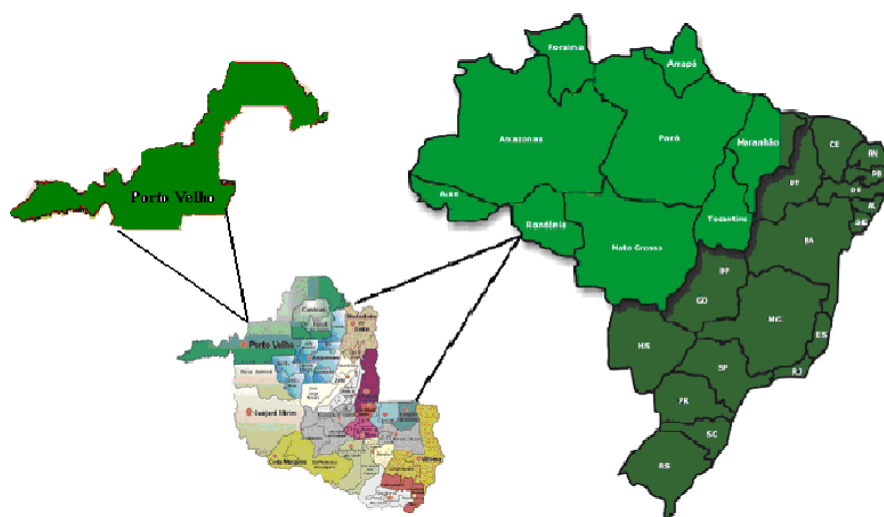


Figura 1 – Mapa geográfico destacando a Amazônia legal, o estado de Rondônia e a capital Porto Velho.

FONTE: Porto Velho, 2011.

No que concerne ao aspecto cultural, encontra-se como principais eventos no município, a Procissão do Senhor Morto, o Homem de Nazaré, que ocorre na cidade cenográfica “Jerusalém da Amazônia”, a festa do Dia de Santo Antônio, Arraial Flor do Maracujá, o Carnaval Fora de época Maria Fumaça e evento agropecuário como a Exposição Agropecuária de Porto Velho - Expovel. Outros acontecimentos marcantes são as Semanas de Folclore e do Índio, Festival de Arte-som, de Artesanato e de Balé (área cultural), e também o

Campeonato Nacional da Pesca e corrida de Voadeiras que ocorrem no Rio Madeira entre os distritos de São Carlos do Jamary e Nazaré. Neste último distrito existe ainda a tradicional festa da Melancia (PORTO VELHO, 2011).

Em relação à extensão territorial o município possui uma grande área, semelhante a um estado brasileiro, sendo três grandes áreas: área urbana, área rural ribeirinha e área rural terrestre. A área ribeirinha, situada ao longo do Rio Madeira, é constituída por quatro distritos (Cujubim Grande, São Carlos, Nazaré e Calama), enquanto que a área rural terrestre é constituída por oito distritos (Jaci Paraná, Mutum Paraná, Abunã, Fortaleza do Abunã, Vista Alegre do Abunã, União Bandeirantes, Nova Califórnia e Extrema); localizados, em sua grande maioria, ao longo da BR 364 (PORTO VELHO, 2011).

Desde 2006 o município de Porto Velho passa por intensas transformações advindas da construção de duas usinas hidrelétricas, a saber, UHE do Santo Antônio e UHE de Jirau. Esses grandes empreendimentos trouxeram consigo profundas alterações no padrão de vida da população do município, bem como uma mudança dos fatores determinantes do processo saúde-doença, dentre as quais se destaca o grande aumento nos índices de violência (PORTO VELHO, 2011).

O sistema de ensino de Porto Velho é composto por uma rede de 98 escolas que oferecem ensinos fundamental e médio no estado (RONDÔNIA, 2011).

Na capital Porto Velho, esta rede está formada por 67 escolas públicas e 31 escolas privadas. De acordo com os dados oferecidos pela Secretaria de Educação de Rondônia, atualmente 86.993 alunos estão matriculados nas séries de ensino médio em todo o estado, 58.899 estão em Porto Velho, sendo que 55.899 alunos matriculados em escolas públicas e 4.392 em escolas privadas (MEC/INEP, 2011).

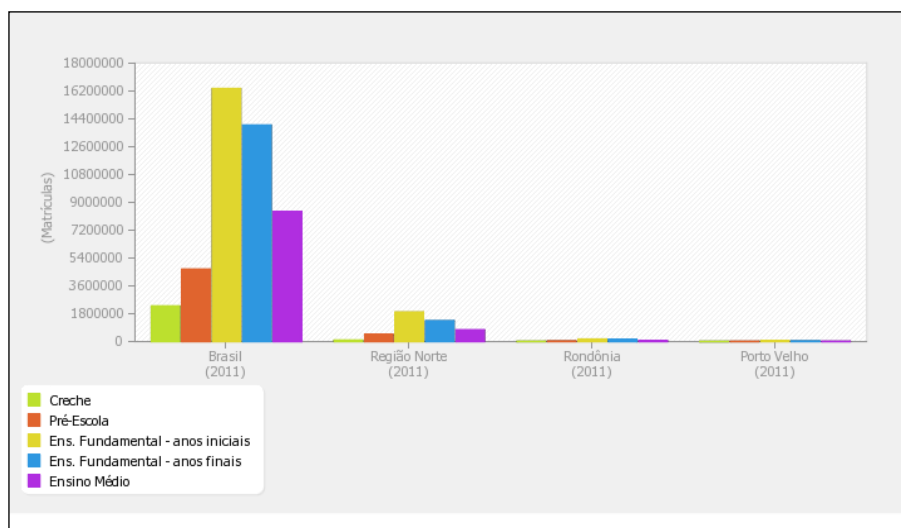


Figura 2 – Número de matrícula na rede de ensino médio no estado de Rondônia em 2011.

FONTE: MEC/INEP, 2011.

3.3 POPULAÇÃO DE ESTUDO

A população alvo foi constituída por escolares, com idade entre 12 e 18 anos, matriculados nas séries de ensino médio das escolas públicas e privadas da zona urbana do município de Porto Velho.

3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

- Foram incluídos no estudo, alunos devidamente matriculados e que estivessem frequentando as aulas das classes do ensino médio, das escolas públicas e privadas selecionadas, mediante a comprovação em diários de classe, sorteadas aleatoriamente e que os pais concordaram que o mesmo participasse do estudo.

3.5 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

- Foram excluídos do estudo, os alunos matriculados, mas que não estavam frequentando as aulas no período de coleta dos dados, bem como aqueles em que os pais não concordaram em liberar para participar do estudo.

3.6 DEFINIÇÃO DA AMOSTRA

Neste estudo, optou-se por uma amostra de escolares matriculados em escolas públicas e particulares de Porto Velho, das séries do ensino médio.

O recorte de alunos no ensino médio foi tomado devido a maior facilidade desse grupo em responder a temas mais delicados como o da violência, além da justificativa do mínimo de escolarização necessária para responder a questionário autoaplicável e também a proximidade da idade de referência preconizada pela OMS (2008), que é de 13 a 15 anos.

O modelo de amostragem empregado foi de amostra estratificada proporcional em duas etapas, sendo que as escolas constituíram-se nas unidades de primeiro estágio, selecionadas com probabilidade proporcional à quantidade de alunos, e as unidades de segundo estágio foram os alunos selecionados com igual probabilidade. As escolas foram estratificadas em função de sua localização geográfica (região) e segundo o tipo de escola: pública ou particular. Com um erro amostral de 5% e intervalo de confiança de 95%.

Através do intervalo arredondado de 10 unidades, foi realizado um sorteio para a escolha do primeiro aluno da escola e com isso os seguintes foram aqueles somados ao intervalo arredondado já encontrado. Exemplo: o primeiro aluno sorteado de uma escola foi o número 7, daí em diante, os demais alunos a serem sorteados foram aqueles que se distanciavam 10 unidades deste primeiro sorteado. Portanto o segundo aluno foi $7+10=17$, o terceiro $17+10=27$, o quarto $27+10=37$, e assim sucessivamente. Para a identificação deste aluno por esta numeração, foi criado um sistema (regra): o primeiro aluno sorteado foi sempre o da série mais baixa da escola e do início do alfabeto, desta forma, o primeiro aluno é o sétimo (7) na lista de chamada do primeiro ano A, o segundo é o (17) do primeiro ano A e o terceiro é o (27) do primeiro ano A, o quarto é o (37) do primeiro ano A de uma turma de 39 alunos, assim, o próximo aluno foi o (47) do primeiro ano A. Observando que não há 47 alunos nesta série, somente 39, o próximo aluno foi do segundo B, somando os dois alunos do

segundo ano A (que foram os últimos) mais 8 alunos do segundo B, produzindo-se assim o intervalo de 10 unidades. Portanto, o quinto aluno foi o número 8 do segundo ano B e assim continuando independente da série o qual o aluno estivesse até finalizar todas as três séries de ensino médio das escolas selecionadas.

3.7 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados foi utilizado dois instrumentos previamente testados, validados e adaptados pelo Observatório de Violência da Universidade Federal de Rondônia, que investiga a violência entre adolescentes escolares no Município de Porto Velho³.

O teste piloto destes instrumentos foi realizado junto a uma turma de ensino médio, da rede pública da cidade, que ficou fora da amostra de escolas.

O primeiro instrumento abordou o perfil socioeconômico dos alunos: como sexo, idade, pessoas com quem mora, escolaridade dos pais, atividades desenvolvidas pelo aluno, estrato social (critério de classificação econômica da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABIPEME), chamado Critério Brasil, que se baseia na acumulação de bens materiais e de escolaridade do chefe da família, contendo questões acerca da Procedência escolar; Atividades esportivas; Relacionamentos interpessoais e Atitudes tomadas diante de situações conflituosas entre outros. Essa classificação enquadra as pessoas em classes (A, B, C, D ou E), a partir dos escores alcançados. (Anexo A).

O segundo instrumento utilizado foi um questionário de 31 perguntas, semi-estruturadas, elaborado por Pereira (2008), que identificou a prevalência do *bullying*, as relações dos escolares e o comportamento dos alunos vítimas, agressores e espectadores. (Anexo B).

³ O Observatório de Violências é um centro de pesquisa sobre violências, em especial contra criança e o adolescente no estado de Rondônia. O centro é resultado do compromisso firmado pela Docente da Universidade Federal de Rondônia Maria Inês F. de Miranda em sua Tese de Doutorado, pela EERP/USP em 2004. O endereço eletrônico do centro é o www.obsvi.unir.br.

3.8 TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

Como técnica de coleta inicialmente foi realizada visitas às 19 escolas selecionadas, com o intuito de reconhecimento do ambiente escolar e um primeiro contato com a direção da escola.

Em seguida foi realizado uma reunião com os pais dos alunos, onde foi solicitado o consentimento livre e esclarecido dos responsáveis pelos alunos sorteados (Apêndice A), bem como ao gestor da escola selecionada (Anexo C). Os termos de liberação pelos pais foram agrupados e utilizados para posterior identificação do aluno selecionado aleatoriamente, ou seja, ao aluno selecionado pela técnica de seleção da amostra foi solicitado o termo de consentimento assinado pelo responsável.

Em seguida foi confeccionado juntamente com o diretor da escola, um cronograma de aplicação do instrumento de coleta de dados, de modo que o mesmo adapta-se a rotina da escola. Após, foi realizado um conhecimento prévio das séries e do quantitativo de alunos, onde então se optou para a seleção dos alunos participantes do estudo a técnica de arredondamento de intervalo, com o intuito de selecionar o primeiro participante. A partir desta identificação, os demais alunos participantes foram aqueles somados ao mesmo valor de intervalo arredondado já encontrado.

A técnica de aplicação consistiu na convocação dos alunos selecionados e posterior aplicação do instrumento em sala separada, para não comprometer as aulas do período.

As coletas de dados tiveram uma duração média de 60 minutos, sendo que o maior tempo de duração de coleta foi 86 minutos e o menor de 58 minutos.

Os alunos participantes demonstraram-se bastante receptivos e entusiasmados com a participação no estudo, embora com algumas dificuldades na interpretação de algumas perguntas. Estes momentos foram sanados antes de cada coleta, onde iniciava-se uma breve

conversa sobre o tema, exemplificando casos nacionalmente conhecidos, tomando o cuidado de não induzir respostas.

Neste estudo dos 900 alunos selecionados, 23 desistiram da pesquisa, solicitando a sua retirada da sala durante a coleta de dados, totalizando ao final da pesquisa de campo, 877 alunos inseridos neste estudo.

Para a coleta de dados, este estudo obteve a colaboração de alunos da graduação do curso de enfermagem da Universidade Federal de Rondônia – UNIR e financiamento do Observatório de Violências da UNIR/CNPq.

3.9 PROCESSAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

O banco de entrada de dados foi criado no software *Epi-info* 6.0, cumprindo quatro rigorosas etapas durante o processamento: codificação, digitação, correção e análise.

Para o tratamento dos dados, optou-se pela análise da frequência absoluta e relativa e índices de OR (*Odds Ratio*).

Os resultados deste estudo estão apresentados em forma de figuras e tabelas e discutidos à luz da literatura pertinente ao tema.

3.10 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Este estudo é parte de um projeto guarda-chuva intitulado: “Violência entre Adolescentes em uma Capital da Região Amazônica – Implantando o Observatório de Violência nas Escolas”, que obteve parecer favorável ao seu desenvolvimento por meio da FR: 038/2009/CEP/NUSAU CAAE 0012.0.047.000 – 09 (Anexo C).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICA E ESCOLAR DOS ALUNOS PESQUISADOS E O *BULLYING*.

A amostra deste estudo foi constituída por n=877 alunos de 19 escolas do ensino médio da rede pública e privada da cidade de Porto Velho. Devido à recusa de alguns pais em assinar o termo de consentimento e do próprio aluno em participar da pesquisa, 30 questionários não foram aplicados, totalizando 3,4% de perda.

A tabela 1 aponta que entre as séries de ensino médio estudadas, n=429 (48,9%) eram do primeiro ano, n=260 (29,6%) do segundo ano e n=174 (19,8%) do terceiro ano.

Houve variação significativa entre os achados relacionados às idades que compreenderam entre 12 até 28 anos. A idade média foi de 16,8 anos.

Outra variável analisada esteve relacionada à composição da família dos escolares. Dos n=877 alunos pesquisados, n=371 (42,8%) relataram residir com 3 a 4 pessoas em casa, n=320 (36,9%) residem com 5 a 6 pessoas e n=29 (3,3%) referiram residir numa casa com mais de nove pessoas.

Esta variável foi considerada importante nesta análise por se compreender que através da composição familiar do aluno é possível interpretar as relações existentes no seio familiar e identificar a existência ou não de violência neste ambiente, podendo difundir-se na escola por meio dos alunos. Esta assertiva é sustentada por alguns autores que identificaram que em famílias numerosas aumenta a probabilidade de existência de violência intrafamiliar e sua perpetuação no ambiente escolar (LOPES NETO, 2005; ABRÁPIA, 2010; SANTOS, 2010).

Neste estudo, não houve associação significativa da variável composição familiar com o fenômeno *bullying*.

Em relação ao gênero dos alunos pesquisados, n=369 (41,9%) eram do sexo masculino e n=508 (57,9) eram do sexo feminino.

Neste estudo, a variável sexo apresentou que entre os meninos houve 1,4 maior chance de ocorrência do fenômeno *bullying*.

Em relação à situação econômica de suas famílias, segundo os próprios alunos, n=307 (35,9%) referiram pertencer à classe B2, n=236 (27,6%) da classe C1 e n=101 (12,6%) referiram da classe C2. Não houve registro significativo para os alunos pertencentes à classe A.

Variável	N	(%)	Odds Ratio (OR)	IC (95%)	Coeficiente	P-Valor
Idade (anos)						
12 -14 anos	54	6,15	0,589	0,0252	-,02147	0,0065
15 -17 anos	744	84,8	1,686	0,1548	1,8740	0,4256
18-20 anos	71	8,0	0,612	0,0289	-0,5455	0,0014
28 anos	08	0,8	0,015	0,0123	-0,1175	0,0029
Sexo						
Masculino	369	41,9	1,4098	0,2396	-0,8920	0,0011
Feminino	508	57,9	0,3214	0,1458	-2,9418	0,0021
Classe Econômica						
A1	2	0,2	0,3019	0,0312	-1,1977	0,3007
A2	48	5,6	0,4428	0,0523	-0,8146	0,4546
B1	124	14,5	0,3573	0,0439	-1,0293	0,3359
B2	307	35,9	0,4649	0,0569	-0,7660	0,4747
C1	236	27,6	0,3175	0,0343	-1,1474	0,3121
C2	108	12,6	0,2308	0,0135	-1,4663	0,3117
D1	29	3,4	4,0000	0,1900	1,3863	0,3725
Numero de pessoas com quem reside						
1 a 2	55	6,2	0,1269	0,2154	-0,0548	0,4215
3 a 4	371	42,3	0,6954	0,6587	-0,0596	0,9842
5 a 6	320	36,4	0,1214	0,0225	-0,2694	0,1121
7 a 8	92	10,4	0,3365	0,5487	-0,7841	0,3512
Mais de 9 pessoas	39	3,4	0,1453	0,0014	-0,3145	0,0013
Área de moradia do aluno						
NORTE	179	21,5	0,2392	0,3108	0,5122	0,0261
SUL	196	23,5	1,3780	0,4762	0,9729	0,2125
LESTE	193	23,2	0,3387	0,1703	-1,0826	0,0020
OESTE	265	31,8	0,1547	0,0417	-0,6931	0,0213

Tabela 1 – Características da amostra estudada. Porto Velho, RO, 2012.

Fonte: o autor.

A tabela 1 apresenta ainda as associações de *bullying*, sofrida pelos alunos pesquisados com as variáveis socioeconômicas e sociais dos alunos participantes da pesquisa.

Neste estudo, os índices de *Odds Ratio* apresentados representam a razão das chances probabilísticas do *bullying* ocorra dividido pela probabilidade de que ele não ocorra.

Sobre a idade dos alunos pesquisados, n=744 (84,8%) compreenderam dos 15 aos 17 anos. Este grupo apresentou maior chance em sofrer *bullying* com 1,6 mais chance de sofrer *bullying* nas escolas pesquisadas.

Estudos mostraram que a prevalência de *bullying* diminui à medida que a idade aumenta, o que também foi verificado em nosso estudo (LIANG *et al.* 2007; BEATY *et al.* 2008).

Em relação a variável sexo, a tabela aponta que os alunos do sexo masculino apresentam 1,4 vezes maior chance de sofrerem o *bullying* em relação às meninas.

Este achado corrobora com os achados internacionais (Espinheira e Jólluskin, 2009), que apontaram em seu estudo realizado nas escolas de Portugal, onde (17,2%) das vítimas eram do sexo masculino.

Para Martinez (2002), este grupo está mais propício ao fenômeno *bullying* por se acreditar que os meninos estão mais sujeitos a violência física. Em contrapartida no público de escolares feminino, prevalece a violência psicológica, sendo este mais difícil de se detectar.

Tal assertiva é corroborada por Pereira (2009) que afirma que um ponto a ser considerado é o fato de que a identificação do *bullying* entre as meninas pode estar relacionada ao uso de formas mais sutis de humilhação, agressividade, ou intimidação, manifestações muitas vezes não manifestadas fisicamente.

Na PeNSE de 2009 (Brasil, 2009), a variável não sofrer *bullying* foi mais frequente entre as meninas (70,9%; IC95%:70,0%-71,7%) que entre os meninos (67,4%;IC95%: 66,4%-68,3%). Sempre sofrer *bullying* é mais frequente entre meninos (6,0%; IC95%:5,5%-6,5%) do que entre meninas (4,8%; IC95%:4,4%-5,3%).

Fischer (2011), afirma que essa associação provavelmente se deve às diferenças que caracterizam o sexo masculino e o feminino, sobretudo refletindo as questões de gênero que permeiam os papéis sexuais esperados e legitimados pelo processo de socialização. Fundamenta-se em um modelo social machista, que é reproduzido no contexto escolar, no qual em sua maioria o sexo masculino está significativamente associado à vivência e expressão da agressividade.

Sobre o nível socioeconômico, neste estudo os alunos pertencente a classe econômica D possuíram 4,0 vezes maior chance de sofrerem *bullying* (IC 95%).

Este achado evidencia que as condições econômicas é um fator determinante para as ações violentas na escola.

Sobre isso, Ribeiro (2007), afirma que diversos fatores externos à escola influenciam o comportamento das crianças. Para o autor, os estabelecimentos escolares, são hoje penetrados por lógicas de desregulação, de dessocialização ligadas a fenômenos sociais exteriores.

Assim, o *bullying* resulta de uma questão social complexa que muitas vezes, advém da própria comunidade em que a escola se insere comprovada por outras investigações que apontaram a relação entre problemas de comportamento e nível socioeconômico.

Rochex e Bautier (2004) apontam que a violência é mais evidente nos bairros urbanos por estes apresentam dificuldades significativas tais como a pobreza e o desemprego, advertindo, todavia que nem todas as escolas são afetadas socialmente da mesma forma.

Logo, o contexto social e a escola são variáveis que devem ser consideradas na compreensão do fenômeno *bullying* nas escolas (ROCHEX E BAUTIER, 2004).

Sobre a composição familiar, identificou-se neste estudo que os alunos pesquisados residem com 3 a 4 pessoas $n=371$ (42,3%), seguidos de $n=320$ (36,4%).

A família pode ser considerada a unidade social mais antiga do ser humano, a qual, historicamente, mesmo antes do homem se organizar em comunidades sedentárias, constituía-se em um grupo de pessoas relacionadas a partir de um ancestral comum ou através do matrimônio (LÔBO, 2009).

Para (Silva, 2004; Amado & Freire, 2002) a relação familiar consiste em um componente determinante na compreensão do comportamento do aluno. Para o autor, é na família que se estabelecem as primeiras normas da vida em sociedade, que se transmite ao longo de gerações a herança cultural e social. Ela constitui igualmente um núcleo de vinculação, coesão e inter-relação além de, simultaneamente, promover a autonomia da criança que, com a entrada para a escola, se confronta com a tarefa de estruturar relações de outras dimensões.

Além disso, as relações estabelecidas entre os diversos membros da família não devem ser ignoradas, pois o desenvolvimento pessoal e social do jovem efetuar-se-á de modo harmonioso, quanto maior for a qualidade e quantidade de interações entre os vários elementos, particularmente entre os pais (DEBARDIEUX, 2002).

De acordo com o entendimento de ATKINSON e MURRAY (1996), a família é um sistema social uno, composto por um grupo de indivíduos, cada um com um papel atribuído, e embora diferenciados, consubstanciam o funcionamento do sistema como um todo. O conceito de família, ao ser abordado, evoca obrigatoriamente, os conceitos de papéis e funções, como se têm verificado.

Neste contexto, a relação da família do aluno e sua relação com a escola, é definida por Bourdieu (1989), que refere que o sucesso escolar tem dependido, em grande parte, do apoio direto e sistemático da família que investe nos filhos, compensando tanto dificuldades

individuais quanto deficiências escolares. Trata-se, em geral, de família dotada de recursos econômicos e culturais, dentre os quais destacam-se o tempo livre e o nível de escolarização da mãe.

Em suma, a família é sem dúvida uma das estruturas sociais que, de forma mais marcada podem influenciar o indivíduo, principalmente nas primeiras fases da vida, mas ao longo do processo de desenvolvimento as vivências têm um caráter mais visível. É neste contexto que a ausência desta relação pode acarretar no surgimento de relações de conflitos entre os alunos e consequentemente o fracasso escolar.

Outra variável importante analisada foi a relação entre a área moradia dos alunos e o *bullying*.

Os dados apontam que os alunos que residem na área sul da cidade de Porto velho, apresentam 1,3 vezes (IC 95%) maior chance de sofrerem o *bullying*, em relação aos demais alunos de outras áreas da cidade.

Considerada a segunda maior área da cidade em população e extensão, a zona sul de Porto Velho agrega características peculiares. Composta de 16 bairros (Roque, Tucumanzal, Tupi, Floresta, Eldorado, Nova Floresta, Eletronorte, Cohab, Conceição, Caladinho, Aeroclube, Castanheira, Cidade do lobo, Cidade Nova, Novo Horizonte e Areia Branca). Com mais de 80 mil moradores, esta área concentra ainda 22.399 (vinte e dois mil trezentos e noventa e nove) alunos, distribuídos em 26 escolas nos níveis Fundamental e Médio e nas modalidades ensino Regular e Educação de Jovens e Adultos. Nesta área existe ainda uma biblioteca municipal que atende a demanda da comunidade dos bairros citados (SEMUSA, 2011).

A zona sul de Porto Velho compreende o segundo maior centro comercial da cidade, com uma área comercial que se estende pela principal avenida do bairro Eldorado, a avenida Jatuarana. A infraestrutura da zona sul apresenta uma diversidade nos tipos de casas e das

ruas de seus bairros, tendo a maioria de suas ruas sem pavimentação (PORTO VELHO, 2011).

De acordo com o Departamento de Atenção Básica da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Velho (DAB/SEMUSA, 2011), a área sul da cidade possui 17 equipes da Estratégia Saúde da Família, distribuídas em 06 Unidades Básicas de Saúde (PORTO VELHO, 2011).

Através da identificação da organização da estrutura escolar e de saúde, é possível conhecer a realidade desta zona da cidade e compreender as possíveis relações destas variáveis com a violência identificada nesta área.

Desta forma, a opção em realizar este tipo de análise se deu pela grande disparidade existente entre a zona sul com as demais áreas da cidade, demonstrando diversificações ambientais, geográficas e socioeconômicas, que poderiam estar associadas à prática da violência.

Neste estudo, a associação existente entre o *bullying* e a zona sul da cidade, traz à discussão acerca dos investimentos no desenvolvimento de atividades de educação e saúde voltados a diminuição da violência, em especial ao *bullying*, nestas escolas. Este achado nos remete ainda a indagação de qual é a realidade de ações de prevenção ou mesmo da identificação deste fenômeno nestas escolas?

Em relação a situação escolar dos alunos pesquisados, a tabela 2 abaixo aponta que n=482 (54,9%) relataram que já reprovaram e n=395 (45,0%) relataram que não. Dos que relataram que sim, n=235 (60,7%) afirmaram ter reprovado uma vez, n=111 (28,7%) duas vezes e n=36 (9,3%) reprovaram três vezes.

Sobre a associação entre a reprovação do aluno e o *bullying*, a tabela 2 abaixo aponta que os alunos que relataram reprovações possuíam 1,3 maior chance de sofrerem o fenômeno.

Reprovações	Odds Ratio	IC (95%)	Coeficiente	P-Valor
Sim	1,3479	0,8148	0,2985	0,2451
Não	-	-	-3,4626	0,0000

TABELA 2 - Associação entre o *bullying* e reprovações na amostra estudada. Porto Velho, RO 2012.

Fonte: o autor.

Para Sisto (2005), uma das possíveis explicações para este achado é a que estes alunos com maior número de reprovações, ao manterem-se em turmas de alunos com idades inferiores, tendem a sofrer discriminações pelos mais jovens e serem colocados de lado pelos demais alunos e consequentemente sofrem e podem praticar o *bullying* com maior chance.

Sobre isso Guimarães e Pasian (2006), afirmam que uma das consequências perante o *bullying*, é que as vítimas tendem a temer a escola, pois a vêem como um local desagradável e inseguro, acarretando em prejuízo escolar.

De acordo com o Instituto Nacional de Estudos - INEP, a taxa de reprovações no estado de Rondônia em 2011, foi 11,8%. Em Porto Velho este percentual foi de 16,4%.

Para Fante e Pedra (2008), a ocorrência do *bullying* favorece ainda o surgimento de um clima escolar de medo e insegurança, tanto para aqueles que são alvos como para os que assistem calados às mais variadas formas de ataque. Este tipo de sentimento, muitas vezes não desvelado, leva os escolares a um frágil desempenho escolar, resultando em reprovações.

Pereira (2008) afirma que mesmo a frequência em ser vítima decrescendo com a idade, o caráter persistente e intencional dos comportamentos agressivos, causadores de perturbações diárias e prejudiciais ao rendimento escolar da vítima, podem também estar associado a consequências que decorrerão ao longo de sua vida, como é o caso de reprovações e consequentemente o atraso escolar.

Outra variável identificada foi a prática de atividade física pelos alunos. Neste estudo n=375 alunos (43%) referiram que praticam estas atividades e n=502 (57%) disseram que não.

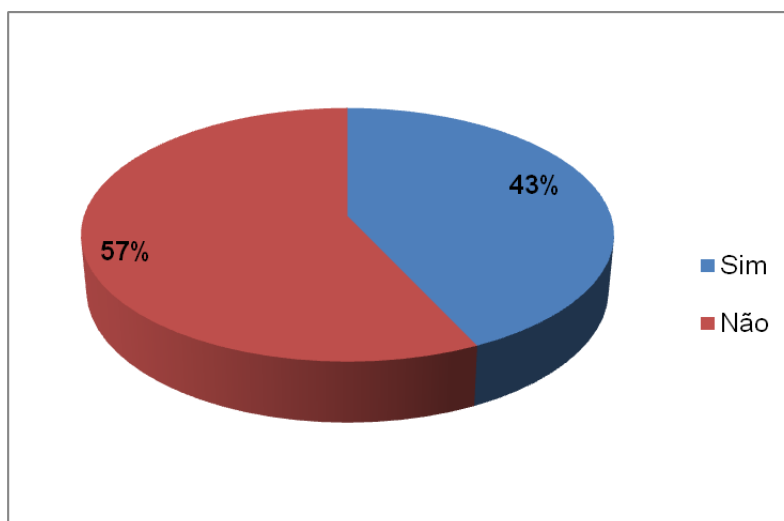


FIGURA 3 – Distribuição da amostra estudada, segundo prática de alguma atividade física, esportiva e/ou artística fora da escola pelo menos uma vez por semana. Porto Velho, RO, 2012.

FONTE: O autor.

Dentre as principais atividades relatadas pelos alunos, destacam-se o futebol mencionado por $n=269$ (31,1%) dos alunos, seguido de dança $n=38$ (4,4%) e esportes de lutas como judô, taekowondo, muay thai, Karatê, Jiu jitsu, boxe, citado por $n=36$ (4,2%) dos alunos. Do total de alunos, $n=352$ (40,6%) relataram não praticar nenhuma atividade.

As interações dentro e fora do ambiente escolar fazem parte da construção intelectual do aluno. Assim podemos identificar que as relações sociais e pessoais no contexto analisado, possuem algumas dificuldades em sua construção.

Sobre isso, Aramis e Saavedra (2008), referem que o jovem é um ser sociável e tem necessidade de estar convivendo com outros jovens para a construção de sua própria identidade, sendo as interações esportivas fundamental para esse crescimento.

É sabido que a adolescência é a fase da vida essencialmente social e que o jovem gosta de andar em grupos de amigos, com os quais se identifica e no contato com eles, vai concluindo a construção de sua própria identidade (SANTOS, 2010).

A ausência de atividades físicas praticadas pelo aluno pode propiciar o envolvimento com situações violentas na escola, em todas as suas formas. De acordo com Lopes Neto (2008), a ociosidade nos intervalos que compreendem o período escolar e o período em que o mesmo fica em casa, pode levá-lo a desencadear práticas de violência isolada ou em grupos, por facilitar o contato com a mídia, que nos dias de hoje utiliza a violência como atrativo para o público, banalizando os atos e deturpando a compreensão das pessoas.

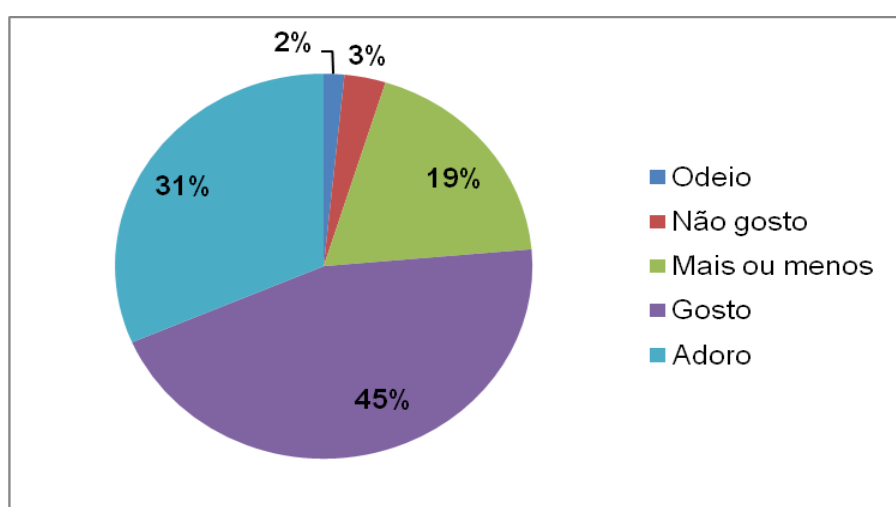


FIGURA 4 – Distribuição das respostas dos alunos, segundo relação com os intervalos entre as aulas. Porto Velho, RO, 2012.

FONTE: O autor.

A figura 4 acima aponta a opinião dos alunos em relação aos intervalos da escola. Sobre isto, n=165 (45%) dos alunos relataram que gostam mais ou menos, n=28 (3%) referiram que não gostam e n=14 (2%) disseram que odeiam os intervalos das aulas.

Neste estudo, o intervalo das aulas não foi considerado pelos alunos como um momento desagradável, contrapondo os achados de alguns autores que apontam uma relação negativa dos alunos com o recreio e demais intervalos entre as aulas, momentos esse identificado pelos mesmos como um dos momentos de maior ocorrência do *bullying* em algumas escolas (MARQUES *et al.*, 2001; PEREIRA *et al.* 2006; PEREIRA, 2008).

4.2 CARACTERÍSTICAS DO *BULLYING* SOFRIDO PELOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE PORTO VELHO

Dos 877 alunos pesquisados, n=150 (17,0%) referiram ter sofrido algum tipo de intimidação, agressão ou assédio, nos últimos três meses que antecederam a coleta de dados desta pesquisa.

Apesar de 81,9% dos alunos pesquisados afirmarem que ninguém o (intimidou, agrediu ou assediou), nos últimos três meses, as respostas dadas por esse mesmo grupo a outras questões da pesquisa revelam frequências mais elevadas tanto de intimidação, agressão como por assédio.

Características	População	
	Total	
	N= 877	100%
Nenhuma vez	719	81,9%
Uma ou duas vezes	80	9,1%
Três ou quatro vezes	28	3,1%
Cinco vezes ou mais	42	4,7%
Não respondeu	08	0,9
Total	877	100%

TABELA 3 - Distribuição do *bullying* na amostra estudada, segundo frequência do fenômeno. Porto Velho, RO, 2012.

FONTE: O autor.

Os dados indicam que durante a aplicação do questionário, as dúvidas e confusões acerca do conceito de *bullying*, bem como o constrangimento inicial de alguns alunos foram sendo superados, deixando-os mais a vontade em responder estes questionamentos.

Por esta razão, algumas tabelas e figuras das sessões posteriores apresentam frequências diferentes para a prevalência de *bullying*, reforçando a inferência de que o percentual de vítimas pode ser maior do que o apresentado na tabela acima.

Quando indagados sobre a quantidade de vezes que ocorreu a intimidação, agressão ou assédio, n=80 (9,1%) alunos disseram que isso aconteceu de uma a duas vezes. Para n=28 (3,1%) a violência foi perpetrada em duas ou três ocasiões, durante o ano de referência do estudo.

Nos estudos pioneiros de Olweus (1993a), em torno de 15% dos estudantes suecos estavam envolvidos como vítimas e sofriam ataques ao menos duas vezes naquele ano.

Sabe-se que o *bullying* acontece em qualquer nível de escolaridade, porém a incidência vem aumentando entre alunos que cursam as séries do ensino médio, ou seja, jovens de 16 anos de idade. Geralmente com o uso do poder dos mais velhos contra os mais novos, submetendo-os a terrorismos e espalhando o medo (LOPES NETO & SAAVEDRA, 2008; PEREIRA, 2010). Pereira (2002) em seu estudo com 3.341 estudantes de 4 escolas da cidade de Guimarães, onde concluiu que 21,6% dos alunos eram alvos e 15,4% autores.

A mesma autora utilizando uma amostra de 6.200 estudantes da cidade de Braga, em Portugal, no ano de 2008, constatou que 20% dos alunos eram autores e 15% alvos desta modalidade de violência (PEREIRA, 2008).

Na pesquisa realizada pela Abrapia, 40,5% dos alunos admitiram estarem diretamente envolvidos em atos de *bullying*, sendo 16,9% como alvos, 12,7% como autores e 10,9% ora como alvos.

Na pesquisa de Carvalhosa *et al.*, (2002), a prevalência do fenômeno *bullying* entre alunos do ensino médio foi 47.4%.

As primeiras pesquisas foram realizadas na cidade de Sheffield, em 1993 na Inglaterra, a qual estudou 24 escolas primárias e secundárias, sendo 17 escolas com idade entre 8 e 11 anos e 7 escolas entre os 11 e 16 anos, o que constitui uma amostra total de 6.000 alunos entre 8 a 16 anos, onde os autores verificaram a seriedade do problema e sua difusão em todas as escolas participantes (PEREIRA, 2008).

Na Espanha, 56,6% dos meninos e 23% das meninas de 13 e 14 anos se envolveram em pelo menos uma briga no último ano. Nos Estados Unidos, 35,5% dos alunos do High School (ensino médio – na faixa dos 14 aos 17 anos) relataram que se envolveram nesses episódios nos últimos 12 meses, sendo que 12,4% das brigas ocorreram dentro da escola (ABRAMOVAY, 2002).

Todos estes estudos apresentam um ponto em comum que é a análise das diferenças do comportamento agressivo e de vitimação entre rapazes e moças, quanto à frequência destes comportamentos e quanto às formas de agressão mais usadas, em particular quando sistematizadas em três formas fundamentais: a agressão física, a agressão direta verbal e a agressão indireta.

Características	População	
	Total	
	N= 877	100%
Quem te fez mal, intimidou, assediou, agrediu		
Nenhum (a) aluno (a) fez algo de mal para mim	723	82,4%
Um aluno	31	3,5%
Uma aluna	32	3,7%
Vários alunos	39	4,5%
Várias alunas	22	2,5%
Alunos e alunas	30	3,4%
Total	877	100%
De qual a turma são os aluno(s) que fez mal a você		
Nenhum (a) aluno (a) fez algo de mal para mim	708	80,7%
São da minha turma	93	10,6%
São de outra turma	39	4,5%
São de minha turma e de outras turmas	37	4,2%
Total	877	100%
Qual a idade do(s) aluno(s) agressores		
Nenhum (a) aluno (a) fez algo de mal para mim	707	80,6
São da minha idade	119	13,5
São mais velhos (as)	36	4,1
São mais novos (as)	15	1,7
Total	877	100%

TABELA 4 - Distribuição da ocorrência de *bullying*, segundo autor, turma e idade do agressor. Porto Velho, RO, 2012.
 FONTE: O autor.

Ao realizar-se uma breve comparação entre o quantitativo de alunos que relataram na tabela anterior e os que responderam de que turma são os agressores na tabela acima, podemos identificar que conforme o questionário foi sendo respondido, o número de alunos que relataram a violência sofrida aumentou, conforme mencionado anteriormente.

Sobre a idade dos alunos que praticam *bullying* nas escolas pesquisadas, n=119 (13,7%) referiram que os mesmos são da mesma idade que eles, n=36 (4,1%) são mais velhos e n=15 (1,7%) são mais novos.

Em relação ao aluno praticante de *bullying* segundo os alunos pesquisados, a tabela 4 acima apresenta que n=39 (4,5%) relataram que foram vítimas de vários alunos, n=32 (3,7%) relataram que foram agredidas, intimidadas ou assediadas por uma aluna, n=31 alunos (3,5%) relataram que foram agredidos, assediados ou ameaçados por um aluno, n=30 (3,4%) por alunos e alunas e n=22 (2,5%) por várias alunas.

A tabela 4 aponta ainda que acerca da turma de origem do agressor, n=93 (10,6%) relataram que os mesmos são da própria turma das vítimas. N=39 (4,5%) referiram que os agressores são de outras turmas e n=37 (4,2%) disseram que os agressores são de suas turmas e de outras turmas.

De acordo com Vinha e Tognetta (2007), um agressor de *bullying* é notadamente mais forte fisicamente, mais esperto, ágil em manobras de articulação da turma para se voltarem contra um alvo e é um provocador permanente. Utiliza-se de sarcasmos e ironias escolhendo a dedo suas vítimas, pelo seu amplo poder de detectar nelas uma ‘falta’ ou uma característica que as façam diferentes e frágeis. Portanto, esses meninos e meninas, autores de *bullying*, têm exatamente a intenção de ferir. Não se trata, portanto, de brincadeiras infantis ou explosões de raiva contra estranhos em episódios esporádicos, mas de metas a curto e longo prazo de causar um dano a outrem.

Segundo Pereira (2008), os autores do *bullying* querem mostrar domínio e força diante dos outros e com isso escolhe seu alvo dentre os mais fracos, ou aqueles que têm alguma diferença em relação aos demais. O tímido, o gordo, o que usa óculos, o novato, o que tem alguma deficiência, são alguns dos alvos daquele que se mostra o líder perverso da escola. Ele age premeditadamente, por qualquer motivo, pela simples vontade de mostrar que detém o poder, que pode mais que o outro, às vezes contando com a ajuda de terceiros, cúmplices de suas maldades.

Geralmente os ataques são produzidos por grupos de agressores o que reduz as possibilidades de defesa das vítimas.

Por muito tempo, os pesquisadores do fenômeno *bullying* detiveram-se em estudar apenas os meninos, pois consideravam que este fenômeno ocorria com muito mais frequência nos indivíduos do sexo masculino (BERGER, 2007). Mais recentemente, reconheceram-no também como um problema das meninas, mas, provavelmente, com uma apresentação única.

Neste estudo, o quantitativo de meninas agressoras (n=32), 3,7%, corrobora com Silva (2008), que agressor pode ser de qualquer sexo, tem caráter violento e perverso e obtém o que quer sempre por meio da força e da agressividade.

Além disto, Lopes Neto (2007) refere que entre os meninos prevalece o *bullying* físico (agressões). Quando se trata do *bullying* verbal (apelidos), observa-se uma equivalência entre ambos os sexos, enquanto a forma indireta (difamação) é a mais frequente entre as meninas, principalmente as adolescentes.

Olweus (1993a) afirma que a forma como o *bullying* apresenta-se nas meninas é geralmente despercebida, como se elas não fossem suspeitas de comportamento agressivo ou *bullying* da mesma forma que os meninos.

Este dado é reforçado por Lisboa (2005), que identifica que os meninos são classificados pelos seus colegas como agressores e como vítimas/agressores com uma

freqüência maior do que as meninas. Para Liang *et al.*, (2007), a agressividade e a vitimização são de ocorrência mais comum entre os meninos.

A maior prevalência de vítimas de *bullying* entre os meninos é compatível com outras investigações (LOPES NETO, 2005; GARCIA, PEREZ & NEBOT 2010). Uma possível explicação pode ser dada no sentido de que os meninos sofrem *bullying* de uma forma física mais direta, enquanto que as meninas, de forma verbal e exclusão, o que é menos visível e percebido.

Neste estudo, comprova-se que a prática do *bullying* nas escolas de Porto Velho vem sendo perpetrada por grupos de alunos, de ambos os sexos, caracterizando a violência grupal contra um único aluno.

A tabela 5 abaixo apresenta os dados relativos a forma do *bullying* sofrida pelos alunos do ensino médio das escolas públicas e privadas de Porto Velho.

Características	População	
	Total	
	N= 323	100%
Nenhum (a) aluno (a) fez algo de mal para mim	79	24,4
Bateram em mim, deram socos, murros, chutes	16	4,9
Falaram sobre mim escondido	61	18,8
Pegaram minhas coisas sem permissão	52	16,0
Pararam de conversar comigo	26	8,0
Fizeram com que eu sentisse medo	15	4,6
Colocaram apelidos ou nomes que não gostei	74	22,9

TABELA 5 - Distribuição do *bullying* na amostra estudada, segundo forma. Porto Velho, RO, 2012.

FONTE: O autor.

Da amostra estudada, n=74 (22,9) afirmaram que colocaram apelidos ou nomes que não gostaram; n=61 (18,8%) dos alunos relataram que falaram escondido sobre ele; n=52 (16%) referiram que pegaram suas coisas sem permissão. N=554 (63,1%) dos alunos não responderam esta questão (dados não apresentados na tabela).

Logo, o *bullying* pode configurar-se em distintos formatos de acordo com o tipo de abuso de poder exercido pelo indivíduo agressor.

Sobre o tipo de *bullying*, Calhau (2009) afirma que o que ocorre basicamente é os tipos de agressões são bem diferentes. Regra geral, os agressores utilizam a força física e as agressoras utilizam mais os ataques morais, como por exemplo, espalhar fofocas, inventar mentiras, colocar apelidos, arquitetar pequenos complôs para diminuir a vítima perante as colegas, proibir o acesso a grupinhos na escola, etc.

Geralmente, este fenômeno é identificado como ações intimidativas em que se dão uma série de combinações de agressões físicas, verbais e psicológicas.

A forma indireta do *bullying* é mais difícil de detectar, por não ser tão visível acabando, muitas vezes, por não lhe ser dada a devida importância. As chantagens e intimidações psicológicas são formas de *bullying* que não deixam marcas visualmente observáveis. A agressão indireta engloba comportamentos tais como espalhar rumores, isolar socialmente alguém ou excluí-lo do grupo (AMADO & FREIRE, 2002).

4.3 FREQUÊNCIA E LOCAL DE INCIDÊNCIA DOS CASOS DE *BULLYING*

A frequência do *bullying* é uma variável importante, pois traduz também de que forma as práticas da violência são manejadas nas escolas além de traduzir uma das principais características de *bullying*, que são os atos repetitivos de agressão, intimidação ou assédio.

Em relação à frequência das ações de *bullying* sofridas pelos alunos pesquisados, a tabela 6 aponta que n=47 (5,4%) referiram terem sido agredidos, assediado ou intimidado uma vez, n=24 (2,7%) duas vezes e n=19 (2,2%) relataram ter sofrido o *bullying* por três ou mais vezes.

Características	População	
	Total	
	N= 877	100%
Nenhuma	787	89,7%
Uma	47	5,4%
Duas	24	2,7%
Três ou mais vezes	19	2,2%
Total	877	100%

TABELA 6 – Distribuição da ocorrência do fenômeno *bullying* sofrido pela amostra estudada, segundo requência. Porto Velho, RO, 2012.

FONTE: O autor.

A Abrapia abordando 5.875 alunos de 11 escolas da cidade do Rio de Janeiro constatou-se que 40,5% dos alunos já haviam se envolvido com casos de *bullying*, sendo 16,9% alunos vítimas, 12,7% alunos agressores e 10,9% vítimas/agressores e destes 60% apontaram a sala de aula o ambiente de maior prevalência dos casos de *bullying* (OLIBONI, 2008).

Acerca do ambiente de maior ocorrência do *bullying*, a figura 5 aponta que dos n=200 alunos que referiram ter sofrido *bullying*, a sala de aula foi citada por n=135 (68%). Em seguida, o pátio da escola foi citado por n=26 (13%) dos alunos.

Semelhante ao exposto, em uma pesquisa realizada por Fante (2005) na cidade de São José do Rio Preto-SP constatou uma realidade semelhante a nossa pesquisa, notou-se que os locais onde ocorrem os ataques foram 52% em sala de aula; 23% no pátio; 14% nos corredores; 11% foram fora da escola; 5% nos banheiros; e 11% em outros lugares da escola.

Camacho (2001), afirma que um fator interessante referente aos locais onde ocorre o *bullying* está estritamente ligado a questão da banalização do mesmo pelo fato da maioria dos casos a agressão acontecer dentro da sala de aula; em alguns momentos não é reconhecida como agressão de modo que o sofrimento daqueles que sofrem de forma velada o *bullying*

dentro da própria sala de aula acaba por nem ser visto pelas coordenações e gestão, passando muitas vezes em branco do ponto de vista da punição.

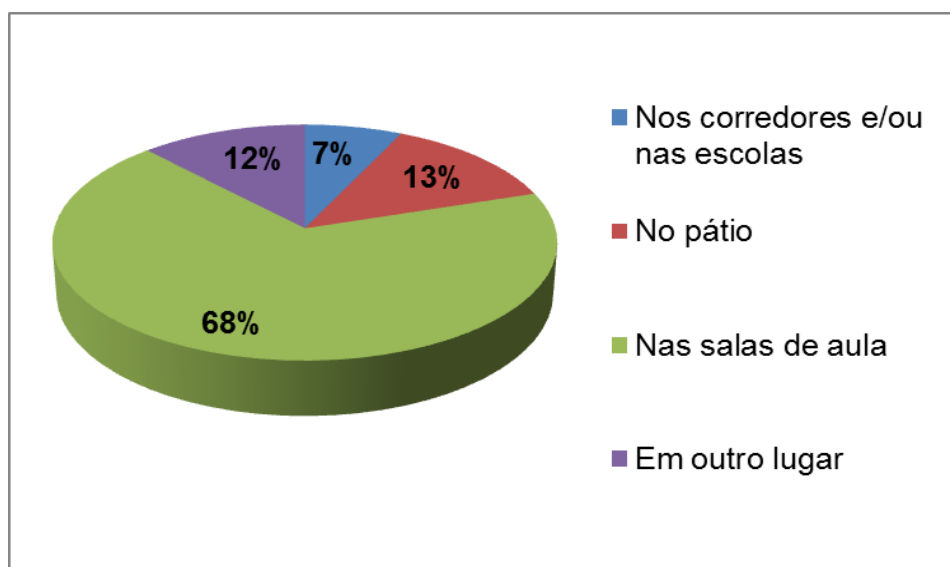


FIGURA 5 – Distribuição do local de ocorrência do *bullying* na amostra estudada. Porto Velho, RO, 2012.

FONTE: O autor.

Parece bastante significativo que a violência não esteja concentrada no pátio, nos corredores ou no portão de entrada, como poderíamos, à primeira vista, supor. Isto significa que a experiência da violência, mais fortemente presente entre os adolescentes mais novos, é construída debaixo dos olhos dos professores, durante as aulas.

Este aspecto revela que, embora a violência dentro da escola seja influenciada pela realidade social externa, e notadamente pela desigualdade social, é em contato com as dinâmicas e formas de funcionamento interno à escola que boa parte das condutas de violência é construída.

Partindo do ponto em que a sala de aula é o local de maior incidência de *bullying* dentro das escolas, salienta-se que deve haver por parte dos professores uma maior atenção

em relação às atitudes dos alunos, com o intuito de prevenir e combater qualquer que seja manifestação de atos que possam ser considerados atos de *bullying* escolar.

4.4 CONDUTA DOS ESPECTADORES NAS ESCOLAS DE NÍVEL MÉDIO DE PORTO VELHO

Em relação à conduta dos alunos que referiram serem vítimas do *bullying*, foi perguntado se no momento da violência sofrida, estes em algum momento foram defendidos por outros colegas que presenciaram violência.

Os dados da tabela 7 mostram que para n=88 (10,0%) dos alunos, um ou dois alunos os defenderam no momento da agressão, intimidação ou do assédio, n=54 (6,1%) relataram que três ou mais alunos os defenderam e n=45 (5,1%) referiram que ninguém os defendeu no momento da violência.

Características	População	
	Total	
	N= 877	100%
Nenhum (a) aluno (a) fez algo de mal para mim	685	78,1%
Ninguém me defendeu	45	5,1%
Um (a) ou dois (duas) alunos (as) me defenderam	88	10,0%
Três ou mais alunos (as) me defenderam	54	6,1%
Não responderam	05	0,5
Total	877	100%

TABELA 7 – Distribuição do fenômeno *bullying*, segundo a atitude dos espectadores. Porto Velho, RO, 2012.

FONTE: O autor.

Não somente as vítimas e os agressores são os únicos personagens que constituem o *bullying* escolar, as testemunhas dentro do *bullying* são aquelas que observam as agressões; não as sofrem nem as praticam, mas compõe a maior parte das pessoas que estão ligadas ao *bullying* escolar; em sua maioria adotam a lei do silêncio, com o intuito de não se tornar o próximo alvo do agressor (CAMACHO, 2000).

Na pesquisa realizada por Mascarenhas (2006) na cidade de Porto Velho acerca da gestão do *bullying* e da indisciplina, com 300 pessoas entre alunos e docentes, 27% destes se autodeclararam observadores das práticas de *bullying* nas escolas de ensino médio estudada, reforçando os dados apresentados neste estudo.

Slee (1999) estudou na Austrália, uma amostra de 936 crianças, 434 meninas e 512 rapazes, com idade entre 9 e 15 anos, apontando que 17,7% dos alunos relataram não terem sido defendidos por outros colegas no momento do *bullying*.

Neste mesmo estudo, verificou-se que 43% dos rapazes, e 44% das meninas dizem que às vezes tentam impedir as situações de violência que ocorrem entre os alunos.

Para Fante (2008), os espectadores representam a maioria dos alunos de uma escola. Em diversas situações, eles não sofrem e nem praticam o *bullying*, mas sofrem as suas consequências, por presenciarem constantemente as situações de constrangimento vivenciadas pelas vítimas.

Segundo Silva (2010), os espectadores são aqueles alunos que testemunham as ações dos agressores contra as vítimas, mas não tomam qualquer atitude em relação a isso: não saem em defesa do agredido, tampouco se juntam aos agressores.

Características	População	
	Total	
	N= 877	100%
Nada, pois não é comigo	136	15,5%
Nada, mas acho que deveria ajudar	82	9,3%
Tento ajudar como posso	352	40,1%
Chamo alguém para ajudar	89	10,1%
Ajudo só se for meu amigo ou minha amiga	73	8,3%
Ajudo mesmo que não conheça a pessoa	145	16,5%
Total	877	100%

TABELA 8 - Distribuição do fenômeno *bullying*, segundo postura do espectador. Porto Velho, RO, 2012.

FONTE: O autor.

Sobre a postura da vítima diante de uma situação de *bullying*, a tabela 8 a seguir representa as respostas dos alunos em relação as suas atitudes diante de uma situação de violência a outros alunos da mesma idade.

Sobre esta conduta, n=352 (40,2%) dos alunos pesquisados relataram que tentam ajudar como podem nesta situação, n=89 (10,1%) disseram que chamam alguém para ajudar, n=82 (9,3%) disseram que não fazem nada, mas acreditam que deveriam ajudar, n=73 (8,4%) relataram que ajudam só se for amigo ou amiga da vítima e n=136 (15,5%) referiram que não fazem nada, pois a violência não é com eles.

Para Fante (2008), os espectadores representam a maioria dos alunos de uma escola. Em diversas situações, eles não sofrem e nem praticam o *bullying*, mas sofrem as suas consequências, por presenciarem constantemente as situações de constrangimento vivenciadas pelas vítimas.

A mesma autora afirma ainda que não somente as vítimas e agressores estão sujeitos a reagirem negativamente diante do *bullying*, as testemunhas também podem sofrer com os atos uma vez que seus direito de aprender em um ambiente seguro e solidário foi violado, o que pode influenciar sua capacidade e progresso acadêmico e social (FANTE, 2005).

Desta forma, muitos espectadores repudiam as ações dos agressores, porém, nada fazem para intervir. Outros apóiam e incentivam dando risadas, consentindo com as agressões, e outros fingem se divertir com o sofrimento das vítimas, como estratégia de defesa. Este comportamento é adotado como forma de proteção, pois temem tornar-se as próximas vítimas.

Isso remete a concepção do *bullying* como violência é reconhecida pelos alunos e que a conduta frente à mesma é de apoio e ajuda, em muitas vezes realizadas por aqueles que já foram vítimas em algum momento.

Para Bandeira (2009), a forma como reagem ao *bullying* permite classificá-los como auxiliares (participam ativamente da agressão), incentivadores (incitam e estimulam o autor), observadores (só observam ou se afastam) ou defensores (protegem o alvo ou chamam um adulto para interromper a agressão).

Uma possível explicação para isso pode ser o medo dos alunos em se tornar a próxima vítima, lendo-os a ficarem em silêncio, fazendo com que esses expectadores assumam uma postura diferenciada para não serem notados e consequentemente para se protegerem de futuras agressões, entretanto esses atos têm influência na sua vida (FANTE e PEDRA, 2008).

Assim, não há evidências que permitam prever qual papel adotará cada aluno, uma vez que pode ser alterado de acordo com as circunstâncias.

A tabela 9 abaixo apresenta as respostas dos alunos pesquisados acerca da prática da violência na semana de coleta dos dados.

Os resultados apontam que n=47 (5,3%) relataram que se juntaram a um grupo uma ou duas vezes para intimidar, agredir ou assediar algum aluno na última semana.

Características	População	
	Total	
	N= 877	100%
Nenhuma	809	92,2%
Uma ou duas vezes	47	5,3%
Três ou quatro vezes	05	0,5%
Cinco ou mais vezes	14	1,5%
Não respondeu	02	0,2
Total	877	100%

TABELA 9 - Distribuição dos alunos pesquisados, segundo prática do *bullying* na última semana. Porto Velho, RO, 2012.

FONTE: O autor.

Estes achados demonstram que além da situação de vítimas e de espectadores, os mesmos alunos participantes da pesquisa foram, em algum momento, também os praticantes do *bullying*.

O sentimento de proteção encontrado na tabela 8 contrasta com os atos violentos relatados pelos próprios alunos, apontando que a violência esteve presente nas escolas pesquisadas, na semana de coleta de informações da pesquisa, denotando uma necessidade urgente de intervenção educativa e preventiva frente esta prática.

Marriel *et al* (2006) procurou justificar os atos, distinguindo os alunos em dois tipos de agressores: os agressores passivos ou seguidores e os agressores típicos. O primeiro constitui um grupo de alunos inseguros e ansiosos, e que participam nas agressões em que normalmente não tomam a iniciativa. Quanto aos agressores típicos, estes têm um modelo de reação agressiva combinada (quando se tratam de rapazes) com a força física.

Reportagens e pesquisas apresentam uma realidade ainda mais dura quanto ao *bullying*, no momento atual. A revista ISTO É, edição 2026 de 2008, retrata a realidade deste tipo de violência destacando que “crianças e adolescentes isolam, insultam, assediam e agredem colegas e expõem uma realidade alarmante: pais e colégios não sabem como lidar com agressões que começam cada vez mais cedo”, alertando que 28% das crianças brasileiras já foram vítimas de *bullying*, destas 15% sofriam agressões todas as semanas e ainda que 45% dos estudantes do ensino médio relatam terem sido agressores, vítimas ou ambos.

Alguns meninos e meninas que são punidos, castigados por suas ações, sentem-se “atacados” e, por isso, constantemente se defendem, buscando mil explicações ou razões para justificar suas ações (VINHA & TOGNETTA, 2007).

Este tipo também pode explicar o achado de nosso estudo de que (n=66) 7,6% dos que eram vítimas também provocavam *bullying*, o que é compatível com outro estudo em que metade das vítimas também tinha atitudes agressivas com seus colegas. É possível que não exista um separador absoluto entre vítimas e provocadores de *bullying*. Esse tipo de resposta pode acontecer não só por suas características comportamentais, mas como mecanismo de defesa (GARCIA, PÉREZ e NEBOT, 2010).

Em se tratando de vítimas/agressores, Gini e Pozzoli (2006), relatam que é importante fazer distinção entre comportamento agressivo proativo e reativo. O comportamento agressivo proativo envolve tentativas de influenciar o outro através de meios aversivos, em uma situação que não foi provocada.

Algumas pesquisas apontam diferenças entre meninas e meninos em relação ao *bullying*, visto que comumente as meninas identificam-se mais como vítimas e testemunhas e os meninos mais como agressores e vítimas/agressores (BANDEIRA, 2009).

Na PeNSE de 2010 (BRASIL, 2010), 12,9% dos alunos do ensino médio relataram episódios de violência física nos últimos trinta dias, mostrando a grande prevalência dos episódios de briga entre adolescentes. Entre os meninos essa ocorrência foi duas vezes mais frequente do que entre as meninas (17,5% versus 8,9%). Não houve diferença entre escolas públicas e privadas, mostrando-se prática comum em ambas, mostrando que a violência entre jovens tem crescido em todas as classes sociais.

Os dados apresentados nesta pesquisa demonstram como os adolescentes estão expostos ao *bullying* nas escolas públicas e privadas de Porto Velho, instituições que supostamente deveriam garantir sua proteção e desenvolvimento saudável e seguro a escola e o lar.

Nesse sentido, o *bullying* escolar é um fenômeno que atinge dimensões preocupantes no ambiente escolar e tem transformado a realidade do sistema educacional do município de Porto Velho.

Os achados deste estudo podem incentivar o desdobramento de outros estudos que aprofundem outras questões como gênero e as determinações sociais, que vitimizam tanto meninos quanto meninas nas escolas de ensino médio da cidade.

CONCLUSÕES

5. CONCLUSÕES

Com os resultados deste estudo, conclui-se que de fato os comportamentos de *bullying* existem nas escolas de nível médio da rede pública e privada do município de Porto Velho. Este fenômeno ocorre principalmente nas salas de aula e são praticadas por alunos do sexo masculino (8%).

Peculiarmente, os alunos que estudam e residem na área sul da cidade tem 1,2 vezes maior chance de sofrerem *bullying* do que os demais alunos que estudam e residem em outras zonas da cidade.

Além disto, alunos que afirmaram terem sido reprovados ao menos uma vez, apresentaram 1,3 vezes de chance de sofrerem este fenômeno.

A forma de *bullying* mais apresentada pelos alunos foi a verbal, relatada por 18,8% dos alunos.

Neste estudo, os espectadores representam 12,3% da amostra e destes, 5,2 não se manifestaram diante da prática do *bullying* dentro do espaço escolar.

A investigação aqui abordada permitiu avançar para além dos pressupostos do senso comum, ao se detalhar os elementos de prevalência deste fenômeno e suas associações. Quando evidencia-se que o fenômeno está mais propenso a acontecer nas escolas da zona sul, discute-se que o *bullying* é um tipo de violência que nem sempre está associado as grandes violências – incidentes na zona leste, pois a zona leste é considerada mais incidente às práticas de violência-, mas que para verificar o porque de sua alta incidência nas escolas da zona sul verificando por meio de um estudo qualitativo das escolas desta zona.

A realização de pesquisas tendo como foco de estudo o *bullying* sofrido por escolares do ensino médio na região norte ainda é escasso e os resultados expostos aqui demonstram a necessidade de busca de alternativas para a melhora das relações sociais acadêmicas e é

evidente a necessidade de fazer novas pesquisas para nortear medidas por parte do poder público para minimizar esse tipo de violência.

Resulta deste estudo um indicador da necessidade de intervenção, ou seja, o *bullying* é um fenômeno contextual, que envolve fatores socioeconômicos e de relações, que requerem intervenções situadas em cada realidade.

Neste estudo, além da identificação das características das vítimas, foi possível identificar o perfil, gênero, idade, comportamento, postura diante da violência, etc, do agressor, já que dos 877 alunos pesquisados, n=66 referiram serem praticantes do *bullying* ao menos uma vez na semana de coleta de dados, representando 7,6% da amostra.

Assim, diante dos resultados obtidos, entende-se que para se impedir a (re) produção do fenômeno *bullying* no contexto escolar, as iniciativas sóciopolíticas na área devem buscar responder aos desafios de tornar este fenômeno mais discutido, compreender melhor o processo de sua produção, formar profissionais competentes e socialmente comprometidos no seu enfrentamento.

Estudos como este aponta uma urgente necessidade de se tratar o tema com a direção da escola e a rede de apoio que a envolve (unidades de saúde, centro de apoio social, delegacias da criança e do adolescente, representantes comunitários), conjuntamente, para lidar com as variáveis que influenciam o surgimento deste fenômeno por meio de um diálogo aberto com os alunos envolvidos e consequentemente, obterem soluções que sejam aceitas pelo grupo e que seja internalizada e duradoura para aquele ambiente escolar.

Por fim, considera-se que abordar o *bullying*, um fenômeno complexo e enredado na especificidade de cada contexto escolar, só faz sentido, do ponto de vista educativo, se desvelada à problemática nas suas várias interfaces, demandando estudos mais aprofundados, para que se possa compreender como esta prática se revela neste espaço.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Mirian. & RUA, Maria das Graças. **Desafio e alternativas: violência nas escolas**. Brasília: UNESCO/UNDP. 2003, 280p.

ABRAMOVAY, Mirian. **Escolas inovadoras: um retrato de alternativas**. In: Desafios e Alternativas; violências nas escolas. Anais. Seminário “Violências nas Escolas”. Brasília: UNESCO, 2003.

ABRAMOVAY, Mirian. RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: Unesco; 2002.

ABRAPIA. **Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência**. Programa de redução do comportamento entre adolescentes, 2000. Disponível em: www.abrapia.org.br. Acesso em: 20 abr 2011.

ALMEIDA, Maria da Graça Blaya (org). **A Violência na sociedade contemporânea**. – Dados eletrônicos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. 161 f.

AMADO, João. & FREIRE, Isabel. **Indisciplina e Violência na Escola. Prevenir para Compreender**. 1ª Ed. Porto: Edições ASA, 2002.

ANTUNES, Deborah Cristina. & ZUIN, Antônia Álvaro Soares. “**Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação**”. Ed, Rev Psic e Soc, 20 (1), 33-42, 2008.

AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Editora Summus, 1996. 139p.

ARAÚJO, Maria Carla de Ávila. **Vivências escolares de jovens de um bairro da periferia de Belo Horizonte**. Belo Horizonte; 2000. 240f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da UFMG. Minas Gerais.

ASSIS, Simone Gonçalves de. et al. **Violência e representação social na adolescência no Brasil**. Revista Pan-Americana de Saúde Pública, v.16, n.1, p.43-51, 2004.

ASSIS, Simone Gonçalves. **Traçando caminhos em uma sociedade violenta: a vida de jovens não infratores e de seus irmãos não infratores**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

ASSIS, Simone Gonçalves de (org). **Impactos da violência na escola: um diálogo com os professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação. Ed. Fiocruz, 2010. 270p.

BANDEIRA, Cláudia de Moraes. **Bullying**: auto-estima e diferenças de gênero. 2009. 69f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

BARROS, Paulo César; CARVALHO, João Eloir; PEREIRA, Maria Beatriz Ferreira Leite Oliveira. **Um estudo sobre bullying no contexto escolar**. In: XI Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. PUCPR. 2009.

BEANE, Allan L. **A sala de aula sem bullying**. Portugal: Porto Editora, 2006.160p.

BEATY, Lee A; ALEXEYEV, Erick B. **The problem of school bullies**: what the research tells us. ProQuest Social Science Journals. v.43, n.169: p.1-11. 2008.

BRASIL. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**. PeNSE 2009. Rio de Janeiro: IBGE; 2009. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/default.shtm>. Acesso em: 02 de jun de 2011.

BRASIL. **Programa Saúde na Escola**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=14578%3Aprograma-saude-nas-escolas&catid=194%3Asecad-educacao-continuada&Itemid=817. Acesso em: 20 de mar 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria MS/GM n. 737 de 16/05/01. **Política nacional de redução da morbimortalidade por acidentes e violências**. *Diário Oficial da União*, Brasília, n. 96, Seção 1E, 18 maio, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

BEAUDOIN, Marie-Nathalie & TAYLOR, Maureen. **Bullying e Desrespeito**: como acabar com essa cultura na escola. Trad, Sandra R. Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BERGER, Kathleen Stassen. **Update on bullying at school: Science forgotten?** *Developmental Review*, 27, 90-126. 2007. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S027322970600061X>. Acesso em: 10 de fev de 2012.

BOULTON, Michael J. & UNDERWOOD, Kerry. **Bully/Victim problems among middle scholl children.** British Journal of Educational Psychology, 62: 73-87, 1992.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, J. C. **La reproduction.** Paris: Éditions de Minuit, 1978.

BOURDIEU, Pierre. **La noblesse d'Etat; Grande Ecoles et Esprit de corps.** Paris, Minuit, 1989.

BONNEWITZ, Patrice. Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

CANDAU, Vera Maria, LUCINDA, MC, NASCIMENTO, MG. **Escola e violência.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. **Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes:** um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si. 2000. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Universidade de São Paulo. São Paulo.

CALHAU, Lélío Braga. **Bullying:** o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão. Niteroi: Impetus, 2009, 128p.

CARVALHOSA, Susana Fonseca de; LIMA, Luis; MATOS, Margarida Gaspar de. **Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português.** Análise Psicológica, 4 (XX): p.571-585, 2002.

CASTRO, Maria Cristina de. **Indisciplina:** um olhar sobre os distúrbios disciplinares na escola. Diálogos Acadêmicos. Rev Semar/Unicastelo. 1 ed. Vol 1. São Paulo, 2010.

CASTRO, Maria Cristina de. **Ensino médio:** múltiplas vozes. Brasília: UNESCO, 2008.

COCHRAN, W.G. & CHAMBERS, San Paul. **The planning of observational studies of human populations.** Journal of the Royal Statistical Society- Series A (General). n.128: p.234-266, 1965.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da amizade-bullying:** o sofrimento das vítimas e dos agressores. São Paulo: Gente, 2008.

CHESNAIS, J. C. **Histoire de la violence en Occident de 1800 à nos jours**. Paris: Robert Laffont Éditeur, 1981.

DAHLBERG, Linda L. and KRUG, Etienne G. **Violência**: um problema global de saúde pública. Ciênc. saúde coletiva. vol.1. p. 1163-1178. 2006.

DEBARDIEUX, Eric. “**Violence in schools**: disagreement about words, and a political challenge”. In E. Debardieux & C. Blaya. *Violence in Schools and Public Policies*”. Paris: Elsevier, p. 32-53, 2002.

DÍAZ-AGUARDO, Maria José. **La violencia entre iguales em la adolescência y su prevención desde la escuela**. 2011. Disponível em: <http://www.psicothema.com/psicothema.asp?id=3144>. Acesso em: 25 mai 2012.

DUE, Pernille *et al.* **Bullying and symptoms among school-aged children**: international comparative cross sectional study in 28 countries. Eur J Public Health. p.128-132, mar, 2005.

DOMINGOS, Marisa Aparecida. **A escola como espaço de inclusão: sentidos e significados produzidos por alunos e professores no cotidiano de uma escola do sistema regular de ensino a partir da inclusão de alunos portadores de necessidades educacionais especiais**. 2005. 372f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG.

DUPÂQUIER, J. **La violence em mileiu scolaire**. 2nd. Ed. Paris: Presses Universitaires de France, mar, 2000.

ESLEA, Mike, *et al.* **Friendship and loneliness among bullies and victims**: data from seven countries. Aggressive Behavior. v.30, p.71-83, jan/feb, 2004.

ESPINHEIRA, Filipa; JÓLLUSKIN, Glória. **Violência e bullying na escola**: um estudo exploratório no 5º ano de escolaridade. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Porto: Edições. Universidade Fernando Pessoa, 2009.

EYNG, Ana Maria; GISI, Maria Lourdes; ENS, Romilda Teodora. **Violências nas escolas e representações sociais: um diálogo necessário no cotidiano escolar**. Rev Diálogo Educ, v.9, n.28, p.467-480. Set/dez, 2009.

FANTE, Cleodelice A. Zonato. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: ed. Verus. Ed.2. rev. e ampl. São Paulo, 2005.

FANTE, Cleodelice A. Zonato. & PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Ed. Artmed. Porto Alegre, 2008.

FEKKES M, PIJERS, FI, VERLOOVE-VANHORICK SP. **Bullying: who does what, when and where?** Involvement of children, teachers and parents in bullying behavior. *Rev Health Educ*. v.20: p.81-91, 2005.

FERNANDEZ, I. (1998). **Prevención de la Violência y Resolución de Conflictos**. El Clima Escolar como Factor de Calidad. Madrid: Narcea, S.A. Ediciones.

FERRAZ, Sónia Filipa da Silva. **Comportamentos de bullying**: Estudo numa Escola Técnico – Profissional. 2008. 104f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Portugal.

FREIRE, I.P.; SIMÃO, A.M.V. & FERREIRA, A.S. **O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico**: um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Ver portuguesa de Educação*, 19(2): p.157-183, 2006.

FULLAT, Octavi. **La Peregrinación del Mal**. Ed: Aladas, México. 1999.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **A infância brasileira nos anos 90**. Brasília, 1998.

GI. **Atirador entra em escola em Realengo, mata alunos e se suicida**. Acesso em: 07 de abr 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/atirador-entra-em-escola-em-realengo-mata-alunos-e-se-suicida.html>. Acesso em: 4 de maio de 2011.

GARCIA, C, PÉREZ, GA, NEBOT, AM. **Factors related to bullying in adolescents in Barcelona (Spain)**. *Gac Sanit*. 2010.

GUIMARÃES, Nicole Medeiros; PASIAN, Sonia Regina. **Agressividade na adolescência: experiência e expressão da raiva**. *Rev Psicol Estud*. n.11. p.89-97, 2006.

GINI, Gianluca., & POZZOLI, Tiziana. **The role of masculinity in children's bullying**. *Rev Sex Roles*, n.54, p.585-588, 2006.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira e SPOSITO, Maria Pontes. **Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil**. *Cad. Pesquisa*. n.115, p.101-138, mar,2002.

GOTIZENS, Concepción. **A disciplina escolar: prevenção e intervenções nos problemas de comportamento**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003. 205p.

HAUK, Karine Comibra Simões. **Violência Escolar: um breve estudo sobre o tema**. 2009. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, MG.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Senso Populacional 2010. Disponível em: www.ibge.gov.br/populacao/contagem2010. Acesso em: 13 de jan de 2011.

KRUG, Etienne G. *et al.* **Relatório Mundial sobre violência e Saúde**. Genebra: Organização Mundial de Saúde, 2002.

LANE, Dyme. **“Violent histories: bullying and criminality”**. In D. Tattum & D. Lane. *Bullying in Schools*. London: Trentham Books, p. 95-101, 1989.

LEME, Maria Isabel da Silva. **A gestão da violência escolar**. *Rev Diálogo Educ*; n.9. p.541-555, 2009.

LEVINE, A. Peter, FREDERICK Mann. **O Despertar do Tigre**. Ed.3. São Paulo. Vol.57., Summer Editorial, 1999. 240p.

LIANG, Matthew H, FLISHER, Alan J, LOMBARD, Carl. **Bullying, violence, and risk behavior in South African school students**. *Child Abuse Negl.* 2007.

LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo. **Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade em crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção**. 2005. 146f. Tese. (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul.

LÔBO, P. **Direito Civil: família**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

LOPES NETO. Aramis Antonio & SAAVEDRA, Lucia Helena. **“Diga não para o bullying - programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes.”** Abrapia. Rio de Janeiro, 2003.

LOPES NETO, Aramis Antonio. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes**. *Jornal de Pediatria on line*. Rio de Janeiro. v.81, n.º5. p.164-172, 2005.

LOPES NETO, Aramis Antonio. **Bullying**. Rev Adolescência & Saúde. Rio de Janeiro. v. 4, n.3. p.56-62, 2007.

LOPES NETO, Aramis Antonio; SAAVEDRA, Lucia Helena. **Diga não ao Bullying** – programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. 2 ed. Passo Fundo, RS, Battistel, 2008.

MALTA, Débora Carvalho, *et.al.* **Vivência de violência entre escolares brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE)**. Rev Ciênc. saúde coletiva [online]. Rio de Janeiro. v.15, supl.2, p. 3053-3063. 2010.

MANGINI, Rosana C. R. **Privação afetiva e social: implicações nas escolas**. In: MEDRADO, H. (Org.) Violência nas escolas. Sorocaba: Minelli, 2008.

MARQUES, A. **A intervenção no recreio e a prevenção de comportamentos anti-sociais**. In. B. Pereira, A. P. Pinto (eds), *A escola e a criança em risco – intervir para prevenir*. Edições Asa, p. 183-195, 2001.

MARQUES, Amélia Rebolo; NETO, Carlos; and PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Changes in school playground to reduce aggressive behavior**. In: Martinez, M. (Ed.). *Prevention and control of aggression and the impact on its victims*. New York, Kluwer Academic/Plenum Publishers. p.137-145, 2001.

MARRIEL, Lucimar Câmara; ASSIS, Simone Gonçalves de; AVANCI, Joviana Quintes., OLIVEIRA, Rachel de Vasconcelos Carvalhaes de. **Violência escolar e auto-estima de adolescentes**. In: Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 127, p.35-50. jan./abr. 2006.

MARTÍN, J. **Conflictividad y Violência en los Centros Escolares**. 1ª Ed. Madrid: Siglo Vientiuno Editores.1993.

MARTINS. Maria José de. **Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar: um estudo empírico**. Rev Análise Psicológica (on line). v.23, n.4, p.401-425, 2005.

MARTINEZ, José Maria Avilés. **La intimidación y El maltrato em los centros escolares (bullying)**. In: Revista Lan Osasuna, 2, p.157-170. 2002.

MARTÍNEZ, José María Avilés. **El maltrato entre escolares en el contexto de la conductas de acoso: Bullying en la escuela. Modelos de intervención**. Disponível em: [ttp://www.intersindical.org/saluttaboral/stepv/vall-bullying](http://www.intersindical.org/saluttaboral/stepv/vall-bullying)>. Acesso em: 20 jun 2007.

MASCARENHAS, Suely. **Gestão do bullying e da indisciplina e qualidade do bem-estar psicossocial de docentes e discentes do Brasil (Rondônia)**. Rev Psicologia, Saúde e Doenças. Ed.1, p.95-107, 2006.

MESQUITA NETO, Paulo de. *et al.* **Relatório sobre a prevenção do crime e da violência e a promoção da segurança pública no Brasil**: projeto arquitetura institucional do Sistema Único de Segurança Pública. Brasília: Ministério da Justiça/Senasp/Pnud/Firjan, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *et al.* **Fala galera. Juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; Njaine, Katie. (Orgs.). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros**. Ed. Fiocruz, 236p. Rio de Janeiro 2011.

MIRANDA, Maria Inês Ferreira de. **Violência nas escolas sob o olhar da saúde – das indisciplinas e incivilidades às morbimortalidades por causas externas**. 2004. 243 f. Tese (Doutorado em Enfermagem em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo-USP, Ribeirão Preto-SP.

MIRANDA, Maria Inês Ferreira de; DELFINO, Rosilaine Keffer; DEBELLA, Bianca col; RESTIER, Renata Bentes; BARRETO, Pedro Di Tárrique. **Implicações das manifestações de violência nas relações sociais e no clima escolar**. Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente 2(Supl-I):p.43-46, 2011.

MOURA, Danilo Rolim de; CRUZ, Ana Catarina Nova and QUEVEDO, Luciana de Ávila. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. J. Pediatr. Rio de Janeiro. vol.87, n.1, p. 19-23, 2011.

MOURA, Danilo Rolim de; CRUZ, Ana Catarina Nova; QUEVEDO, Luciana de Ávila. **Prevalência e características de vítimas de bullying**. Jornal de Pediatria - Vol. 87, Nº 1, 2011.

NJAINE, Kathie; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência na escola**: identificando pistas para a prevenção. Revista Interface: Comunicação, Saúde, Educação, v.7, n.13, p.119-134, 2003.

NJAINE, Kathie (org). **Impactos da violência na saúde**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2009. 384p.

NOGUEIRA, Rosana M. C. D. P. A. **Escola e Violência: análise de Dissertações e Teses sobre o tema produzidas na área de Educação, no período de 1990 a 2000** – Dissertação. (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

NUNES, Mayara Figueiredo; ABRAMOVAY, Mirian. **Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas**. Brasília: Unesco; Fundação W. K. Kellogg; Unirio, 2003.

OLIBONI, Samara Pereira. **O bullying como violência velada: a percepção e a ação dos professores** / Samara Pereira Oliboni. 2008. 109f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental). Fundação Universidade Rio Grande, Rio Grande do Sul.

OLIVEIRA, Agnes Schutz de; ANTONIO, Priscila da Silva. **Sentimentos do adolescente relacionados ao fenômeno bullying**: possibilidades para a assistência de enfermagem nesse contexto. Revista Eletrônica de Enfermagem. Goiás. v.8, n.1, 2006. Disponível em: http://www.fen.ufg.br/revista/revista8_1/pdf/v8n1a05.pdf. Acesso em: 12 fev 2012.

OLIVEIRA, José Eduardo Costa de. **As ações das escolas, através de seus gestores, no processo de enfrentamento da violência escolar**. 2009. 144f. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto.

OLWEUS, Dan. **Prevalence and incidence in the study of anti-social behavior: Definitions and measurement**. In, M. Klein (ed). *Cross-national research in self-reported crime and delinquency*. Dordrecht, The Netherlands, Kluwer, 1989.

OLWEUS, Dan. **Conductas de acoso y amenaza entre escolares**. Madrid: Ediciones Morata, 1993a.

OLWEUS, Dan. **Bullying at school**. What we Know and what we can do. Oxford: Blackwell, 1993b.

OLWEUS, Dan. **Bullying at school: tackling the problem**. Observer. 2001.

OLWEUS, Dan. **Conductas de acoso y amenaza entre escolares**. 3ª edición, Madrid, Morata, 2006.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Violência y salud: resolución no XIX**. Washington, 1994.

PACHECO, Liliana Aparecida Dias e. & SILVA, Sandra Aparecida da. **O bullying na escola**. 2011. 42p. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Estadual de Goiás. Licenciatura em Pedagogia. Caldas Novas, Goiás.

PEREIRA, Beatriz Oliveira, *et al.* **Bullying nas escolas portuguesas: análise de variáveis fundamentais para a identificação do problemas**. ACTAS II CONGRESSO GALAICO-PORTUGUÊS DE PSICOPEDAGOGIA. In Almeida, Silvério & Araújo (org.s.), UM, Braga, 71 – 81.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Estudo e prevenção do bullying no contexto escolar: os recreios e as práticas agressivas da criança**. 1997. Tese. (Doutoramento em Estudos da Criança) Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança. Portugal.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **A violência na escola – Formas de prevenção**. In Beatriz Pereira e Adelina Paula pinto (coords). *A escola e a criança em risco: intervir para prevenir*. Porto, Asa, p.17-30, 2001.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Prevenção da violência em contexto escolar: diagnóstico e programa de intervenção**. In: João Clemente de Souza Neto e Maria Letícia B. P. Nascimento. *Infância: Violência, Instituições e Políticas Públicas*. São Paulo, Expressão e Arte Editora, 43-51. 2006.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. 2008.364p.

PEREIRA, Beatriz Oliveira; SILVA, Marta Iossi; NUNES, Berta. **Descrever o bullying na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal**. In: Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 9, n. 28, p. 455-466, set./dez. 2009.

PINHEIRO, Fernanda Martins França. **Violência intrafamiliar e envolvimento em “bullying” no ensino fundamental**. 2006. Dissertação. (Mestrado em Educação Especial). Universidade Federal de São Carlos. São Paulo.

PORTO VELHO. **Plano Municipal de Saúde 2010**. Secretaria Municipal de Saúde. Porto Velho: 2010. 120p.

PORTO VELHO. **Plano Municipal de Saúde 2010**. Secretaria Municipal de Saúde. Porto Velho: 2011. 144p.

RIBEIRO, Ana Teresa Martins. **O Bullying em contexto escolar**: um estudo de caso. 2007. 244f. Dissertação. (Mestrado em Administração e Planificação da Educação). Universidade Portucalense: Portugal.

RISTUM, Mirlena. **O conceito de violência de professoras do ensino fundamental**. 2001. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. Salvador.

RODRIGUES, Angel R. Calvo. & FERNÁNDEZ, Francisco Ballester. **Acoso Escolar**: procedimientos de intervención. Madrid: EOS, 2007. 255p.

ROBIN L., TOBLINA,T., SCHWARTZA, D., GORMAND, A. H., & ABOUEZZEDDINEA,T. (2005). Social-cognitive and behavioral attributes of aggressive victims of bullying. *Applied Developmental Psychology*, 26, 329–346.

ROLIM, Marcos. **Bullying**: O pesadelo da escola, um estudo de caso e notas sobre o que fazer. 2008. P Dissertação. (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

ROCHEX, Jean-Yves; BAUTIER, Elisabeth. **Activité conjointe ne signifie pas significations partagées**. Raisons Éducatives, n.8, 2004.

SANTOS, Natália Peixoto dos. **“Bullying” e as ações da enfermagem**: uma revisão integrativa. 2010. 52f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. 1ed. Rio de Janeiro: Fontanar, 2010.189p.

SILVA, Maurício Roberto da. **Trama doce-amarga**: (exploração do) trabalho infantil e cultura lúdica. Ijuí, São Paulo: Hucitec, 2003. 353p.

SILVA, Nelson Pedro. **Ética, Indisciplina & Violência nas Escolas**. 1 ed. Petrópolis:Vozes, 2004. 216p.

SILVA, Geane de Jesus. **Bullying**: Quando a Escola não é um Paraíso. Disponível em: <http://www.mundojovem.com.br/bullying.php>. Acesso em: 24 set 2011.

SILVA, Marta Angélica Iossi. **Adolescence:** resignify in to understand it and act. Journal of nursing. Revista de enfermagem. UFPE on line. 2011. disponível em: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/2646/pdf_1089. acesso em: 22 de jul de 2012.

SILVA; Fernando Martins da. **O fenômeno Bullying no contexto escolar de um colégio estadual de Quirinópolis-go.** 2010. 65 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena em História). Universidade Estadual de Goiás – Quirinópolis-GO.

SISTO, Fermino Fernandes. **Aceitação-Rejeição para estudar e agressividade na escola.** Rev Psicologia em Estudo Maringá, v. 10, n. 1, p. 117-125, jan./abr. 2005.

SOUZA, Elmo Rampini, *et al.* **Análise temporal da mortalidade por causas externas no Brasil:** décadas de 80 e 90. In: MINAYO, M. C. S; SOUZA, E. R (Org.). *Violência sob o olhar da saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira.* Rio de Janeiro: Fiocruz. p. 83-108, 2003.

SLEE. Phillip. & Cunningham, R. Effects of parenting on the peer relations of Australian adolescents. Journal of Social Psychology, p.387-388, 1999.

SPOSITO, Marília Pontes. **As Vicissitudes das políticas públicas de redução da violência escolar.** In: Westphal, M. F. *Violência e criança.* São Paulo: Edusp, p.249-266, 2002.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pillegi. **Estamos em conflito, eu comigo e com você:** uma reflexão sobre o bullying e suas causas afetivas. Santa Maria: Ed. da UFSM. p. 1-37, 2007.

TOMAZELA, José Maria. **Funcionário público mata mãe e filha e alega bullying no interior de SP.** Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,funcionario-publico-mata-mae-e-filha-e-alega-bullying-no-interior-de-sp,805900,0.htm>. Acesso em: 02 de dez de 2012.

TRAVASSOS, Claudia.; LEBRÃO, Maria Lúcia. **Morbidade hospitalar nos jovens.** In: BERQUÓ, E. *Jovens acontecendo nas trilhas das políticas públicas.* Brasília: CNPD, p. 165-198, 1998.

UOL. **Alvo de bullying, jovem inglesa opta por cirurgia radical para alongar as pernas.** Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2011/12/06/alvo-de-bullying-jovem-inglesa-opta-por-cirurgia-radical-para-alongar-as-pernas.htm>. Acesso em: 16 de fev 2012.

VIEIRA, André; GONÇALVES, Bruna; GALVEZ, Camila; SANCHES, Maíra. **Aluno atira em professora e se mata em São Caetano. Disponível em:** <http://www.dgabc.com.br/News/5915241/aluno-atira-em-professora-e-se-mata-em-sao-caetano.aspx>. Acesso em: 21 de nov de 2011.

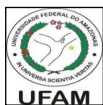
WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência II**. Brasília: Unesco, Ministério da Justiça, Instituto Ayrton Senna, 2000.

WHO. World Health Organization. *World report on violence and health*. Geneva: WHO; 2000.

WHO. World Health Organization. **Inequalities young people's health**: key findings from the Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) 2005/2006 survey fact sheet. Copenhagen: World Health Organization; 2008. Disponível em: http://www.euro.who.int/Document/Mediacentre/fs_hbsc_17june2008_e.pdf Acesso em: 13 de abr 2011.

VINHA, Telma Pillegi; TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. **Quando a escola é democrática**: um olhar sobre a prática das regras e assembleias na escola. 1 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

APÊNDICES



APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- RESPONSÁVEL PELO ALUNO

Olá Senhor (a), estamos realizando uma pesquisa intitulada: ***Prevalência do bullying sofrido por escolares do município de Porto Velho, Rondônia, Brasil***, onde o pesquisador responsável é o aluno do curso de mestrado em Saúde, Sociedade e Endemias na Amazônia, **Marcuce Antonio Miranda dos Santos** e seu telefone para contato é (69) 3901-2822.

A pesquisa trata sobre o *bullying*, um fenômeno que ocorre nas escolas e consiste em um tipo de violência entre os alunos, e pode ser caracterizada por intimidação, xingamentos, agressão física, entre outros. A identificação deste fenômeno é importante para sabermos qual a proporção deste tipo de violência nas escolas de Porto Velho, já que este tema está em destaque em todo o país. O objetivo principal deste estudo é identificar este tipo de violência nas escolas e contribuir com a formação de políticas de combate à violência entre alunos.

Os alunos desta escola, entre eles o seu filho (a), estão sendo convidados a responder a um questionário, com perguntas fechadas, tendo apenas que colocar “X” na resposta escolhida. Os nomes dos alunos participantes não serão revelados a ninguém em nenhum momento do estudo. Não haverá nenhum tipo de despesa para a participação nesta pesquisa, assim como os mesmos não receberão nenhuma forma de pagamento pela sua participação, ou seja, as participações dos alunos serão de forma voluntária.

Salientamos que os direitos abaixo relacionados serão garantidos aos alunos, a partir da assinatura deste termo, autorizando as entrevistas e cedendo também, os direitos da entrevista e do levantamento de dados a serem divulgados em eventos científicos e periódicos.

Os direitos do aluno são:

- 1) A garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a dúvidas acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros relacionados com a pesquisa.
- 2) Liberdade de retirar o seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isso traga prejuízo para o entrevistado.
- 3) A segurança de que serão preservadas a identidade e a privacidade do entrevistado, além do compromisso de valer de legislação em caso de dado.
- 4) A garantia de que não haverá riscos e nem desconforto, gastos de qualquer natureza.
- 5) A garantia de seguir todas as exigências que constam na Resolução nº. 196, de 10 de outubro de 1996, que regulamenta o desenvolvimento de pesquisas envolvendo seres humanos e prevendo que todo indivíduo menor de idade deve possuir um termo de consentimento de seu representante legal, para participar como sujeito da pesquisa.

Consentimento Pós-Informação:

Eu, _____, responsável legal do aluno
_____, estudante da escola
_____, fui informado sobre o que o
pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu autorizo a participação do aluno, do qual sou responsável, sabendo que ele e eu, não iremos receber nenhuma espécie de pagamento e que posso retirar este consentimento quando quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada, que vou guardar.

Pesquisador responsável

Assinatura do Responsável pelo aluno

ANEXOS



ANEXO A – INSTRUMENTO DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA - ABEP

NOME: _____

SISTEMA DE PONTOS

Quantidade de itens	0	1	2	3	4+
Televisão em cores	0	1	2	3	4
Radio	0	1	2	3	4
Banheiros	0	4	5	6	7
Automóvel	0	4	7	9	9
Empregada Mensalista	0	3	4	4	4
Máquina de Lavar	0	2	2	2	2
Videocassete/DVD	0	2	2	2	2
Geladeira	0	4	4	4	4
Freezer (Independente ou Parte da Geladeira duplex)	0	2	2	2	2

1 2 3 4 ou +

Grau de Instrução do chefe de família

Nomenclatura Atual	
Analfabeto/ Até 3ª série Fundamental/ Até 3ª série 1º. Grau	0
Até 4ª série Fundamental / Até 4ª série 1º. Grau	1
Fundamental completo/ 1º. Grau completo	2
Médio completo/ 2º. Grau completo	4
Superior completo	8

CORTES DO CRITÉRIO BRASIL

Pontuação Final _____ Classe Econômica _____

C

Classe	Pontos
A1	42-46
A2	32-41
B1	29-34
B2	23-28
C1	18-22
C2	14-17
D1	8-13
E	0-7



ANEXO B - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS SOBRE *BULLYING*
(PEREIRA, 2008).

- A. Leia com atenção as questões a seguir.*
B. Responda todas as questões. Não deixe nenhuma em branco.
C. Não há respostas certas ou erradas. Responda da forma como realmente acontece com você.
D. Suas respostas serão mantidas em segredo.
E. Se você tiver alguma dúvida, levante a mão e aguarde a ajuda dos aplicadores.
Obrigado por colaborar.

Escola: _____ Bairro da escola _____

Bairro que você mora _____

1. Em que ano de ensino você está?

- (1) 1º ano do ensino médio
(2) 2º ano do ensino médio
(3) 3º ano do ensino médio

2. Qual é o seu sexo?

- (1) Masculino (2) Feminino

3. Idade: _____ anos

Data de nascimento: ____/____/____

4. Quantas pessoas moram na sua casa, incluindo você?

- (1) 1 a 2 pessoas
(2) 3 a 4 pessoas
(3) 5 a 6 pessoas
(4) 7 a 8 pessoas
(5) Mais de 9 pessoas

5. Quantos irmãos/irmãs você tem? (1) 1 a 2 irmãos

- (2) 3 a 4 irmãos
(3) 5 a 6 irmãos
(4) 7 a 8 irmãos
(5) Mais de 9 irmãos

6. Você frequentou creche ou pré-escola?

- (0) Não (1) Sim

Se a resposta for **SIM**, responda por quanto tempo?

- (a) Um ano
(b) Dois anos
(c) Três anos
(d) Mais de quatro anos

7. Você já foi reprovado(a)?

- (0) Não (1) Sim

Se a resposta for **SIM**, responda quantas vezes:

- (a) Uma vez (b) Duas vezes
(c) Três vezes (d) Mais de quatro vezes

8. Você pratica alguma atividade física, esportiva e/ou artística fora da escola pelo menos uma vez por semana?

- (1) Não (2) Sim

9. Qual atividade você pratica?

- (0) Não pratico nenhuma atividade (1) Natação
(2) Esporte de luta (Judô, Taekwondo, muay thai, **Karatê, Jiu Jitsu**, boxe) (3) Dança (ballet, jazz, dança do ventre)
(4) Futebol (5) Outro

10. Há quanto tempo você pratica atividade?

- (0) Não pratico nenhuma atividade (1) 6 meses a 1 ano
(2) Dois a três anos (3) Quatro a cinco anos
(4) Seis a sete anos (5) Mais de oito anos

11. Você frequenta aulas de reforço (ou aulas particulares)?

- (1) Não (2) Sim

12. Quantas vezes algum(a) aluno(a) da escola fez algo de mal (intimidou, agrediu ou assediou) a você nos últimos três meses de aula?

- (1) Nenhuma vez. (2) Uma ou duas vezes. (3) Três ou quatro vezes. (4) Cinco vezes ou mais vezes.

13. De que forma isso tem ocorrido? (Escolha a opção que mais acontece com você)

- (1) Nenhum(a) aluno(a) fez algo de mal para mim.
 (2) Bateram em mim, deram murros, socos e/ou chutes.
 (3) Pegaram minhas coisas sem minha permissão.
 (4) Fizeram com que eu sentisse medo.
 (5) Colocaram-me apelidos ou nomes que não gostei.
 (6) Falaram sobre mim escondido.
 (7) Pararam de conversar comigo.
 (8) Espalharam mensagens através da Internet ou telefone para me prejudicar.
 (9) Ofenderam-me por causa da minha cor/raça.

14. Em que lugar da escola essas situações acontecem?

- (1) Em nenhum lugar. (2) Nos corredores e/ou nas escadas.
 (3) No pátio. (4) Nas salas de aula.
 (5) No refeitório e/ou cantina. (6) No banheiro.
 (7) No vestiário. (8) Em outro lugar.

15. De que turma são os(as) alunos(as) que têm feito algum mal ((intimidou, agrediu ou assediou) a você?

- (1) Nenhum(a) aluno(a) fez algo de mal para mim. (2) São da minha turma.
 (3) São de outra turma. (4) São de minha turma e de outras turmas.

16. De que idade são os(as) alunos(as) que têm feito mal (intimidou, agrediu ou assediou) a você?

- (1) Nenhum(a) aluno(a) fez algo de mal para mim. (2) São da minha idade.
 (3) São mais velhos (as). (4) São mais novos(as).

17. Quem fez algum mal (intimidou, agrediu ou assediou) a você?

- (1) Nenhum(a) aluno(a) fez algo de mal para mim (2) Um aluno
 (3) Uma aluna (4) Vários alunos
 (5) Várias alunas (6) Alunos e alunas

18. Quantas vezes fizeram algum mal (intimidou, agrediu ou assediou) a você na última semana de aula?

- (1) Nenhuma
 (2) Uma
 (3) Duas
 (4) Três ou mais vezes

19. Quantas vezes fizeram algum mal (intimidou, agrediu ou assediou) a você quando estava indo ou voltando da escola?

- (1) Nenhum(a) aluno(a) fez algo de mal para mim no caminho da escola
 (2) Uma ou duas vezes nos últimos três meses
 (3) Uma vez esta semana
 (4) Duas ou mais vezes esta semana

20. Quantas vezes os(as) professores(as) fizeram alguma coisa para que os alunos ou alunas parassem de fazer mal (intimidou, agrediu ou assediou) aos outros?

- (1) Não sei
 (2) Quase nunca
 (3) Às vezes
 (4) Muitas vezes

21. Quantas vezes os(as) funcionários(as) fizeram alguma coisa para que os alunos ou alunas parassem de fazer mal (intimidou, agrediu ou assediou) aos outros?

- (1) Não sei
 (2) Quase nunca
 (3) Às vezes
 (4) Muitas vezes

22. O que você faz quando vê alguém fazendo mal (intimidou, agrediu ou assediou) a um aluno ou aluna da sua idade?

- (1) Nada, pois não é comigo (2) Nada, mas acho que deveria ajudar
 (3) Tento ajudar como posso (4) Chamo alguém para ajudar

- (5) Ajudo só se for meu amigo ou minha amiga (6) Ajudo mesmo que não conheça a pessoa

23. Há alunos ou alunas que te defenderam quando outros tentaram fazer mal (intimidou, agrediu ou assediou) a você?

- (1) Nenhum(a) aluno(a) fez algo de mal para mim (2) Ninguém me defendeu
(3) Um(a) ou dois(duas) alunos(as) (4) Três ou mais alunos(as)

24. Você contou a alguém que alunos(as) fizeram algum mal (intimidou, agrediu ou assediou) a você na escola?

- (1) Nenhum(a) aluno(a) fez algo de mal para mim (2) Não disse a ninguém
(3) Sim, disse a um(a) ou dois(duas) amigos(as) (4) Sim, disse aos(às) meus(minhas) amigos(as)
(5) Sim, disse ao(à) professor(a) ou diretor(a) (6) Sim, disse ao meu pai ou ao responsável por mim
(7) Sim, disse a um irmão ou irmã (8) Sim, disse a um(a) funcionário(a)

25. Quantas vezes você fez mal (intimidou, agrediu ou assediou) a outros alunos ou alunas na escola nos últimos três meses de aula?

- (1) Nenhuma
(2) Uma ou duas vezes
(3) Três ou quatro vezes
(4) Cinco ou mais vezes

26. Quantas vezes você se juntou a um grupo para fazer mal (intimidou, agrediu ou assediou) a outros alunos(as) na última semana?

- (1) Nenhuma
(2) Uma ou duas vezes
(3) Três ou quatro vezes
(4) Cinco ou mais vezes

27. Alguma vez você faltou com respeito a um(a) professor(a) ou fez mal (intimidou, agrediu ou assediou) a ele(a)?

- (1) Nenhuma.
(2) Uma ou duas vezes.
(3) Três ou quatro vezes.
(4) Cinco ou mais vezes.

28. Alguma vez você faltou com respeito a um(a) funcionário(a) ou fez mal (intimidou, agrediu ou assediou) a ele(a)?

- (1) Nenhuma.
(2) Uma ou duas vezes.
(3) Três ou quatro vezes.
(4) Cinco ou mais vezes.

29. De quantos amigos você costuma ficar próximo na escola?

- (1) Nenhum (2) Um ou dois
(3) Três ou quatro (5) Mais de cinco

30. Quantas vezes você ficou sozinho(a), porque os outros alunos ou alunas não queriam a sua companhia?

- (1) Nunca fiquei só (2) Uma ou duas vezes nos últimos três meses
(3) Três ou quatro vezes nos últimos três meses (4) Cinco ou mais vezes nos últimos três meses

31. Você gosta dos intervalos entre as aulas?

- (1) Odeio
(2) Não gosto
(3) Mais ou menos
(4) Gosto
(5) Adoro

**ANEXO C – AUTORIZAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA.**

**Fundação Universidade
Federal de Rondonia – UNIR**



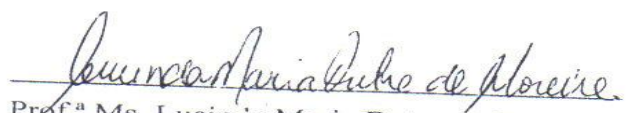
Comitê de Ética em Pesquisa do Núcleo de Saúde – CEP/NUSAU

Porto Velho, 11 de maio de 2009.
Carta 038/2009/CEP/NUSAU
Da: Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa
Para: Maria Inês Ferreira de Miranda
Assunto: Parecer Ético
FR: 247983
CAEE: 0012.0.047.000-09

Informo-lhe que o projeto de pesquisa de sua autoria “**Violência entre adolescentes em uma capital da região amazônica – implantando o observatório de violência nas escolas**” foi aprovado em reunião do Comitê de Ética realizada em 08/05/2009. Por consequência, a pesquisa pode ser imediatamente iniciada.

Outrossim, esclareço ainda que este Comitê deve ser informado do andamento da investigação, bem como receber cópia do relatório final, quando de sua conclusão.

Atenciosamente,


Prof.ª Ms. Lucinda Maria Dutra de S. Moreira
Coordenadora/Portaria 308 GR
Comitê de Ética em Pesquisa NUSAU/UNIR
Carta Port. 308/GR/2007

**ANEXO D - TERMO DE ANUÊNCIA DO GESTOR DA SECRETARIA
DE EDUCAÇÃO DE RONDÔNIA.**

Solicitamos a Vossa Senhoria, que seja autorizada a realização da pesquisa intitulada: **PREVALÊNCIA DO *BULLYING* SOFRIDO POR ESCOLARES DO MUNICÍPIO DE PORTO VELHO, RONDÔNIA, BRASIL.** Tal autorização nos permitirá ter acesso as escolas públicas do município de Porto Velho, que possuem nível médio de educação (7º, 8º e 9º anos), bem como aos diretores de escolas responsáveis pelos alunos, para a aplicação de um instrumento de pesquisa para Coleta de Dados. Asseguramos que em nenhum momento serão divulgados os nomes dos alunos quando forem divulgados os resultados da pesquisa.

Agradecemos à colaboração, colocando-nos à disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários.

Atenciosamente,

Marcuce Antonio Miranda dos Santos
Aluno do curso de Mestrado em Saúde, Sociedade e Endemias na Amazônia.
Responsável pela Pesquisa
Fone para contato: (69) 9229-1839.

Eu, _____, tendo recebido as informações acima e ciente do exposto, autorizo a realização da pesquisa solicitada pelo pesquisador, assinando este documento com a garantia de que os nomes dos alunos e do gestor serão preservados.

Porto Velho, de de 2011.

Assinatura e Carimbo